

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Vanessa Lourenço Vaz Costa

UM BAOBÁ DE HISTÓRIAS

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

COSTA, Vanessa Lourenço Vaz.
UM BAOBÁ DE HISTÓRIAS / Vanessa Lourenço Vaz COSTA. –
2017.
68 f.

Orientador: Perses Maria Canellas da CUNHA
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.
Especialização em História da África, 2017.

1. Baobá. 2. griôs. 3. tradição oral. 4. África. I. CUNHA, Perses Maria Canellas da, orient. II. Título.

Vanessa Lourenço Vaz Costa

UM BAOBÁ DE HISTÓRIAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós-graduação em História da África do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para aprovação.

Orientador: Profa. Perses Maria Canellas da Cunha

Juiz de Fora

2017

AGRADECIMENTOS

Agradecer é, ao mesmo tempo, um ato nobre e um ato difícil, pois muitas vezes não conseguimos passar o quanto estamos agradecidos e sempre corremos o risco de esquecer alguém. Mas tentarei me esforçar para demonstrar este sentimento nessas poucas linhas.

Primeiro, gostaria de agradecer a Universidade Federal de Juiz de Fora e o curso de pós-Áfrikas por esta oportunidade de conhecimento. Foram sextas e sábados sacrificantes, mas que valeram muito a pena!

A todos os professores que passaram pela nossa turma, trazendo riquíssimas aulas, nos fazendo viajar, conhecer e respeita essas Áfrikas que nos foram silenciadas!

Ao Daniel, por nos socorrer tantas vezes e à Juliana e Eduardo, que deram verdadeiro significado a palavra tutor, tornando-se verdadeiros companheiros nesse ano de curso!

À Perses por ter aceitado me orientar, por ser essa pessoa maravilhosa e ter tratado este trabalho com tanto carinho!

Agradeço principalmente à Arthimiza Mendonça Gomes Barbosa, Fermandinga Fonseca, Olivier Nong'olela Shamololo e a grande amiga Raquel Lara Rezende, pois sem eles esse trabalho não estaria completo!

Aos colegas de curso com quem pude dividir momentos e experiências inesquecíveis. Dedico um agradecimento maior às colegas Elisângela, Demaísa, Selmara, Marilda, Maria Consolação, Flávia, Gilmara, Rosana, Ranny, Jorge, Elaine, Walmor, Conceição, Cynthia, Elenice, Carla, Tarcília, Tarcísio e Jimmy, por dividirem trabalhos, boas horas de conversa e bons momentos de diversão. Em especial, agradeço a Denise que durante as aulas foi uma verdadeira parceira, revelando-se uma grande amiga, que levo para minha vida com muito carinho!

Agradeço à minha família que ao longo desses anos tem me dado todo apoio para prosseguir na minha formação profissional e teve tanta paciência em compreender minhas ausências.

Finalmente, agradeço ao Bruno por ser meu amigo, meu companheiro, meu parceiro, meu amor!

RESUMO

O seguinte trabalho visa apresentar um Baobá que pode contar história, a fim de valorizar tanto a tradição oral africana, como seus Griôs. Para isso foi feita a seleção de contos africanos, gravados em áudio, no intuito de serem colocados dentro de um Baobá artesanal, apresentado às crianças como uma árvore mágica.

Palavras-chave: Baobá; griôs; tradição oral; África.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1: BAOBÁ MUSEU MEMORIAL MINAS VALE	7
FOTO 2: BAOBÁ DA TURMA DE SÉTIMO ANO DA ESCOLA MUNICIPAL COSETTE DE ALENCAR.....	7
FOTO 3: BAOBÁS DA ESPÉCIE <i>ADANSÔNIA GRANDIDIERI</i>.....	17
FOTO 4: BAOBÁS DA ESPÉCIE <i>ADANSÔNIA DIGITATA</i>.....	17

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: ESPÉCIES DE <i>ANDASÔNIA</i>.....	16
--	-----------

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: MAPA DA VEGETAÇÃO AFRICANA.....	18
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
SOBRE GRIÔS E TRADIÇÃO ORAL	10
SOB O BAOBÁ.....	16
SOB(RE) UM BAOBÁ DE HISTÓRIAS	21
CONCLUSÃO.....	24
BIBLIOGRAFIA	25
MATERIAL DIDÁTICO.....	26
PORTFÓLIO	45

INTRODUÇÃO

A temática do Baobá vem chamando minha atenção há algum tempo, principalmente depois que ingressei neste curso de pós-graduação. Mais do que a estrutura física que a constitui, a árvore me chamou a atenção pelo simbolismo que carrega. Durante o curso, a questão da oralidade e o papel dos griôs também despertaram meu interesse, levando-me até mesmo a questionar muitas coisas com relação à valorização da cultura africana como, por exemplo, a reprodução dessa cultura ser predominantemente escrita em livros que seguem modelos europeus. Creio que o gatilho principal disso tudo quando me deparei com uma representação da árvore no Museu Memorial Minas Gerais Vale, na cidade de Belo Horizonte. Quando vi a proposta quis imediatamente levá-la para a sala de aula e trabalhar daquela forma com meus alunos. O resultado foi uma sequência didática apresentada no portfólio que segue este trabalho.



Foto 1: Baobá feito pelo Museu Memorial Minas Gerais Vale, fotografado por mim em 10 jul. 2016.



Foto 2: Baobá feito pelos alunos do sétimo ano da Escola Municipal Cosette de Alencar, fotografado por mim em 13 set. 2016.

Devo admitir que quando entrei no curso, meu propósito era trabalhar a aplicação da lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2013, nos livros didáticos de História. Este tema surgiu do

incômodo em trabalhar o livro didático na sala de aula, que ainda segue o modelo eurocêntrico, e não encontrar elementos suficientes para a História africana e afro-brasileira que dessem conta de suprir os elementos ausentes no livro. Este incômodo me motivou e tem me motivado a estudar e a me especializar cada vez mais no ensino de História e, principalmente, no ensino de História da África. O curso, nesse sentido, veio a favorecer e me levar para outros caminhos.

Meu objetivo com este trabalho é levar cada vez mais a cultura africana para as crianças que estão ingressando nas escolas sufocadas pela cultura e metodologia europeia, mas não dentro destes moldes. A ideia é tentar valorizar a tradição oral e a simbologia que ela carrega. Por isso, a intenção é construir uma sequência didática em que a professora ensine sobre o Baobá, os griôs e os contos africanos através de contos narrados por pessoas africanas, recuperando assim, não só a cultura africana, mas também valores tradicionais que podem ser evocados com os griôs e o Baobá.

Isso se faz necessário porque já temos quatorze anos da lei nº 10.639, que obriga as escolas a incluírem nos seus currículos a história e a cultura africana e afro-brasileira, mas ainda encontramos barreiras ao penetrar essa temática no universo escolar, mesmo tendo tantos materiais produzidos nesse período. Além disso, não há uma fiscalização. Contudo, mais que pensar na obrigatoriedade de uma lei, devemos pensar que nós, enquanto professores da rede pública de ensino, devemos nos preocupar em levar aulas para nossos alunos que valorizem eles e o que eles são, suas histórias e suas memórias. Sabemos que grande parte das escolas públicas tem, em sua maioria, alunos negros e de periferia (gentrificação), isso graças a um passado histórico muito silenciado. Nesse sentido, nós professores devemos dar voz as histórias que foram silenciadas e recuperar um passado em que nossos alunos possam se sentir representados, possam sentir que aquelas memórias também fazem parte da sua memória, ao invés de reforçar um passado que só reforce o lugar em que a sociedade colocou estas crianças.

Com essas ideias em mente é que tenho buscado conhecimento e aprimorado minhas aulas e é com elas que desenvolvi este trabalho.

SOBRE GRIÔS E TRADIÇÃO ORAL

Ainda que o mundo hoje seja pautado em documentos escritos, muitas coisas são feitas ainda de forma oral: as conversas em casa ou com amigos, ainda que existam os aplicativos e redes sociais; as orientações médicas, ainda que acompanhadas das receitas; nas religiões, tanto cristãs quanto afro-brasileiras, ainda que existam os livros sagrados; a explicação de uma matéria, ainda que haja uma hegemonia da escrita na escola. Nas *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica* (2013) é colocado, principalmente para os anos iniciais, que

“É importante lembrar que dentre os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado.” (BRASIL, 2013, p.94)

Essa importância segue para o Ensino Fundamental, principalmente na disciplina de língua portuguesa, desde os três primeiros anos, considerados o bloco de alfabetização. Isso está exposto em documentos como o *Pacto pela Alfabetização na Idade Certa* e os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Contudo, trabalhar com a oralidade africana exige um conhecimento especial sobre suas tradições orais.

Segundo Jan Vansina (2010), “O historiador deve iniciar-se, primeiramente, nos modos de pensar da sociedade oral, antes de interpretar suas tradições.” (p.140). Assumindo “mea culpa”, talvez esse foi o primeiro erro deste trabalho. Contudo, isso pode ser justificado, pois

A educação tradicional, sobretudo quando diz respeito aos conhecimentos relativos a uma iniciação, liga-se à experiência e se integra à vida. Por esse motivo o pesquisador europeu ou africano que deseja aproximar-se dos fatos religiosos africanos está fadado a deter-se nos limites do assunto, a menos que aceite viver a iniciação correspondente e suas regras, o que pressupõe, no mínimo, um conhecimento da língua. Pois existem coisas que não “se explicam”, mas que se experimentam e se vivem.” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 182)

É por essas e outras que este trabalho pretende **tentar** adentrar esse mundo da tradição oral, pois devo reconhecer que ficarei no limite do assunto.

Seguindo nessa lógica, define-se por tradição oral o “testemunho transmitido de uma geração a outra” (VANSINA, 2010, p.140). Testemunho, por sua vez, pode ser definido como “todas as declarações feitas por uma pessoa sobre uma mesma sequência de acontecimentos passados, contanto que a pessoa não tenha adquirido novas informações entre as diversas declarações. Porque, nesse último caso, a transmissão seria alterada e estaríamos diante de uma nova tradição.” (VANSINA, 2010, p.141) Os griôs são especialistas nessa prática. Contudo, segundo Amadou Hampaté Bâ (2010), a tradição oral está longe de ser somente histórias e lendas, mitológicas ou históricas. Além disso, os griôs não são os únicos guardiões e transmissores qualificados. Nas palavras do autor, a tradição oral

é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. [...] Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.169)

A origem da tradição pode se basear num testemunho ocular, num boato, ou numa nova criação baseada em diferentes textos orais existentes, combinados, e adaptados para criar uma nova mensagem. Mas a tradição baseada numa testemunha ocular é a considerada realmente válida. Nesse sentido, a oralidade é uma forma específica de perceber a realidade, outra forma de estar no mundo. Os colonizadores, quando se depararam com as tradições orais, não souberam ver além daquilo que conheciam na medida em que não estavam abertos ao novo, não entenderem o novo pelo novo. Para eles, o lugar da ciência como legítima é através da escrita. Até a década de 1960 se afirmava que a África não tinha história por não ter escrita. Logo, desvalorizaram por muito tempo as histórias da África, dizendo que o continente não tinha passado, não tinha produção de conhecimento, não tinha memória.

Tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições, para uma correta compreensão dos vários status sociais e seus respectivos papéis, para os direitos e obrigações de cada um, tudo é cuidadosamente transmitido. [...] É esse fato que levou durante muito tempo os historiadores, que vinham de sociedades letradas, a acreditar erroneamente que as tradições eram um tipo de conto de fadas, canção de ninar ou brincadeira de criança. (VANSINA, 2010, p. 146)

Toda tradição tem sua “superfície social” (MONIOT, H. Apud, VANSINA, 2010, p.146). Sem ela a tradição não seria mais transmitida e perderia sua função, sua essência. Sendo assim, para ter conhecimento da tradição, o historiador deve ter um conhecimento profundo da sociedade a qual aquela tradição está ligada.

Nesse sentido, as narrativas compreendem a maioria das mensagens históricas de tradição oral, mas não as únicas. As “narrativas” incluem a narrativa geral, histórica ou outras: narrativas locais, familiares, épicas, etiológicas, estéticas e memórias pessoais. Nesta categoria, o artista é livre do ponto de vista literário, mas tem uma fidelidade rígida às fontes, caso seja uma exigência de seu meio social.

No que se refere às fontes, assim como na escrita, numa tradição oral a veracidade de um relato, ou não, poderá ser constatada ao cruzar as informações que contém com as informações de tradições independentes ou outros relatos, ou seja, outras fontes. De qualquer forma, ambas têm de passar por uma criteriosa análise antes de sofrer qualquer julgamento.

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. [...] Cada partido ou nação “enxerga o meio-dia da porta de sua casa”. [...] Além disso, os próprios documentos escritos nem sempre se mantiveram livres de falsificações ou alterações, intencionais ou não, ao passarem sucessivamente pelas mãos dos copistas – fenômeno que originou, entre outras, as controvérsias sobre as “Sagradas Escrituras”. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168)

É possível descobrir a origem de uma tradição através de suas variantes, percebidas nas diferentes narrativas de grupos étnicos. Já as distorções são percebidas na medida em que a narrativa se conforma a modelos padrões, ao que agrada o público ouvinte. Quanto mais é admirada pelo público, mais possíveis são as distorções. Neste ponto, podemos retomar a fala de Hampaté Bâ sobre os griôs.

Segundo o autor, para os griôs, ou Dieli¹, a disciplina da verdade não existe. Ao contrário dos tradicionalistas-doma, que por sua vez têm um compromisso inseparável com a veracidade. O tradicionalista-doma que alguma vez na vida mentir, seja por qualquer motivo, deixa de ser doma, pois irá romper com a essência de seus ensinamentos. Hampaté Bâ, para exemplificar, conta o caso de um doma que, para proteger uma mulher que estava sendo perseguida, teve de mentir sobre sua localização. A partir daquele momento, ele deixou de ser doma. Os griôs ou dielis, por sua vez, podem travestir ou embelezar os fatos para divertir o público, em troca de um presente.

Uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os griots são os agentes ativos e naturais nessas conversações. Autorizados a ter “duas línguas na boca”, se necessário podem se desdizer

¹ O nome dieli, em bambara, significa sangue. Segundo Hampaté Bâ, o nome tem essa característica porque os dieli circulam pelo “corpo da sociedade”, assim como o sangue em nosso corpo, podendo curar ou deixar doente, resolvendo conflitos ou piorando, através das palavras e das canções. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 195)

sem que causem ressentimentos. Isso jamais seria possível para um nobre, a quem não se permite voltar atrás com a palavra ou mudar de decisão. Um griot chega até mesmo a arcar com a responsabilidade de um erro que não cometeu a fim de remediar uma situação ou de salvar a reputação dos nobres. [...] Treinados para colher e fornecer informações, eles são os grandes portadores de notícias, mas igualmente, muitas vezes, grandes difamadores. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.195)

Vansina (2010) diz que os griôs são trovadores que se apresentam diante de uma plateia em determinadas ocasiões, como casamentos, mortes, festas na residência de um chefe, etc. Na maioria das vezes eles têm alguma especialização, como por exemplo na história da terra ou da família.

Ou seja, o griô não é necessariamente um tradicionalista, mas também, nem todos são desavergonhados e mentirosos. Essas são apenas características gerais. Eles podem se tornar tradicionalistas fazendo a iniciação. Entre eles, por exemplo, existem os chamados dielifaama, ou “griots-reis”. Como os tradicionalistas-doma, estes possuem a coragem, moralidade, virtudes e sabedoria, muitas vezes superiores aos nobres, e não abusam dos direitos que lhes foram concedidos por costume. Os Griôs, contudo, são impedidos somente de terem acesso a iniciação Komo², segundo Hampaté Bâ.

A possibilidade de se tornarem “Conhecedores” está ao alcance deles, tanto quanto ao de qualquer outro indivíduo. Assim como um tradicionalista-doma (o “Conhecedor” tradicional no verdadeiro sentido do termo) pode vir a ser ao mesmo tempo um grande genealogista e historiador, um griot, como todo membro de qualquer categoria social, pode tornar-se um tradicionalista-doma se suas aptidões o permitirem e se ele tiver passado pelas iniciações correspondentes.” (p.198)

O griô tradicionalista-doma tem valor moral, constituindo-se como uma fonte de informação de confiança absoluta, pois a iniciação pela qual passa o proíbe de mentir, como já dito. Entre eles existem os genealogistas e os historiadores. Os primeiros, com uma memória prestigiosa, são especializados em histórias de famílias, podendo ser os arquivistas e historiadores das sociedades africanas. Já os griôs historiadores podem ser considerados tradicionalistas, mas apenas do ramo histórico da tradição. Com isso, percebemos que um griô genealogista pode ser também um historiador, mas um griô historiador não é necessariamente um genealogista.

Dizer genealogista é dizer historiador, pois um bom genealogista conhece a história, as proezas e os gestos de todas as personagens que cita ou, pelo menos, das principais. Essa ciência se encontra na própria base da história da

² A ordem dos Komo, segundo Hampaté Bâ, tem haver com o mito de criação dos Bambaras, em que Maa Ngala, o deus supremo, criou Maa, o homem, para ser seu interlocutor na terra, recebendo o dom da mente e da palavra. Maa transmitiu todo seu conhecimento aos seus descendentes, dando início à grande cadeia de transmissão oral. A ordem dos Komo se diz continuadora dessa transmissão. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 171)

África, pois o interesse pela história está ligado não à cronologia, mas à genealogia, no sentido de se poder estabelecer as linhas de desenvolvimento de uma família, clã ou etnia no tempo e no espaço. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.203)

Assim, quando um griô conta uma história, os ouvintes lhe perguntam se a história será de dieli ou de doma. Se for de dieli, já esperam um embelezamento e não confiam plenamente naquilo que é dito. Caso contrário, quando a história é de doma, os ouvintes acreditam na transmissão fiel dos fatos, por mais que possam admitir certo embelezamento em alguns casos.

Os tradicionalistas são grandes depositários e testemunhas da herança oral, sendo chamados de Memórias vivas da África. São guardiões da gênese cósmica e das ciências da vida. Arquivistas de fatos passados ou contemporâneos, transmitidos pela tradição, possuem uma memória prodigiosa. Hampaté Bâ (2010) diz em uma das passagens de seu texto que as crianças africanas, principalmente as não letradas, têm uma memória fantástica, chegando existir casos de crianças que sabiam o alcorão de cor, sabendo citar qualquer passagem que o ouvinte desejasse. “Não se pode fazer ideia do que a memória de um “iletrado” pode guardar. Um relato ouvido uma vez fica gravado como em uma matriz e pode, então, ser reproduzido intacto, da primeira à última palavra, quando a memória o solicitar.” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.203)

Por isso, em África a palavra falada é mais importante que a escrita. Honorat Aguessy (1980), diz que “a característica essencial das culturas africanas é a oralidade. Porque, mesmo quando se utiliza a escrita, a tradição, que dissemos ser sinônimo de atividade [não de passividade], apenas se expande autenticamente, na maioria dos africanos, pela oralidade” (p. 113). Mas, como o próprio autor diz, a oralidade é uma dominante, não uma exclusividade. Ou seja, isso não quer dizer que não existia escrita no continente, como assim determinou os colonizadores. Quer dizer somente que ela não era uma prioridade, como no caso das línguas bamun (Camarões), vai (Serra Leoa), nsidibi (Calabar, Nigéria oriental), basa e mende (Serra Leoa e Libéria) e a egípcia.

Vale ressaltar que, como já dito anteriormente, os tradicionalistas-doma não são os únicos a transmitir a tradição. É por meio dos ofícios tradicionais que a tradição oral tem sua maior difusão. Sua função estava ligada a um conhecimento transmitido de geração para geração, realizado por meio de rituais. Eles são o exemplo perfeito de como a tradição pode ser incorporada tanto em gestos e ações, quanto na totalidade da vida, uma vez que nos ofícios deve-se respeitar um conjunto de obrigações ligadas a sua atividade.

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras sagradas; o contato do aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto. Por essa razão a tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é geradora e formadora de um tipo particular de homem. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 189)

A tradição oral é a essência dos povos africanos. Ela não está em um único lugar, mas sim em vários lugares, pois o tradicionalista-doma é um pesquisador e, para reunir e constituir todo o seu conhecimento, ele precisa viajar e escutar diversas narrativas, fazendo assim o conhecimento circular. “É por esse motivo que a memória histórica coletiva, na África, raramente se limita a um único território. Ao contrário, está ligada a linhas de família ou a grupos étnicos que migraram pelo continente.” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 202)

Não se pode falar em tradição sem falar do respeito pela cadeia de transmissão. Um tradicionalista é o que é pelos testemunhos que lhe foram transmitidos por seus antepassados. É ao recuperar a sua linha de transmissão antes de contar suas histórias que o tradicionalista reforça e dá veracidade àquilo que diz. “Não existindo transmissão regular, não existe “magia”, mas somente conversa ou histórias.” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 181)

O tempo, nesse sentido, para o africano, é dinâmico e, ao mesmo tempo, mítico e social. O passado e o presente estão juntos e as gerações passadas tem grande influência nas gerações presentes e futuras. “O tempo não é a duração capaz de dar ritmo a um destino individual; é o ritmo respiratório da coletividade.” (HAMA; KI-ZERBO, 2010, p.24)

Em suma, a tradição oral e os seus transmissores, como os griôs, são de suma importância para as diversas populações africanas e por isso, devem ser entendidas dentro de suas singularidades. Não devem ser encaradas como simples historinhas infantis – ainda que elas também cumpram essa função – devem sim ter o reconhecimento que vão muito além disso, que contam muito mais do que histórias, que trazem valores que nós ocidentais, talvez nunca vamos ter total dimensão, a menos que estejamos dispostos a cumprir a iniciação.

Infelizmente, como diz Hampaté Bâ (2010), estamos perdendo os últimos anciãos herdeiros de vários ramos da tradição. Então, se não nos preocuparmos em reunir cada vez mais esses testemunhos e ensinamentos, estaremos fadados a perder um vastíssimo patrimônio cultural e espiritual. Diante disso, este trabalho tentará manter um pouco desta fonte de conhecimento.

SOB O BAOBÁ

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram. Assim como o baobá já existe em potencial na sua semente. (Tierno Bokar) (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 167)

O Baobá, ou embondeiro, é a maior representação da memória e talvez da tradição africana. Dele se colhem histórias, é um verdadeiro símbolo do continente! Suas características contribuem muito para este papel: a árvore pode chegar a 30 metros de altura e 13 metros de circunferência e, ainda, pode armazenar 120.000 litros de água. Além de sua estrutura física suntuosa, o Baobá é fonte de alimento, tanto pelo seu fruto, rico em vitamina C e cálcio; quanto por suas sementes, que podem ser comidas cruas, torradas ou como um mingau; e folhas, que podem ser feitas cozidas, em saladas ou como tempero. Sua madeira é aproveitada para fazer objetos, como instrumentos musicais. A árvore fornece também óleo vegetal, remédio, celulose, cabaças, corantes e uma boa sombra, onde podem ser contadas diversas histórias e se passar inúmeros acontecimentos. É a árvore da generosidade!

Muitas sociedades foram formadas em seu entorno e, por conta disso, o Baobá testemunha tudo de importante que acontece na aldeia, é um eixo da vida social, afinal pode viver de dois a seis mil anos. “Assim, bem mais do que uma árvore, o Baobá é, por excelência, o guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser, suas aspirações, expectativas de vida e religiosidade.” (WALDMAN, 2012, p. 225)

Maurício Waldman (2012) em seu artigo intitulado *O baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial*, demonstra como a árvore assume um papel preponderante no território africano e como as sociedades africanas intervêm e modificaram este espaço, diferente do que os ocidentais postularam por tanto tempo, julgando a África como uma natureza congelada e, por consequência, sem intervenção humana, habitada por populações incultas, atrasadas e selvagens. Em suas palavras,

é importante advertir para a existência de um longo, árduo e persistente trabalho de esculturação da paisagem por parte das sociedades tradicionais africanas. Aliás, a África, sendo o Berço da Humanidade, foi, antes que qualquer outra parte do mundo, o primeiro continente a observar a insistência do trabalho humano em modelar o meio natural. Apoiada nas primeiras e notáveis descobertas do gênio humano – como o uso do fogo e de ferramentas, técnicas de construção, metodologias de orientação espacial, domesticação dos vegetais e animais, a matemática e a astronomia, etc. – a ação antrópica se desenrolou ao longo de centenas de milhares de anos,

resultando em alterações fenomenais da natureza original. (WALDMAN, 2012, p. 226)

Contudo, não é o objetivo deste trabalho entrar nesta discussão da modificação do espaço pelo homem, embora seja ela muito importante para a história e memória do continente.

Sendo assim, cientificamente, o Baobá é chamado de *Adansonia*, por conta do naturalista francês Michel Adanson (1727-1806) que a classificou na família Bombacaceae, de *Bombax*, que significa: ato de admiração, assombro, pasmo ou espanto. (SOUZA, 2004, p.29). Essa classificação exemplifica o olhar ocidental colocado não só na árvore, mas em todo continente. Pratt (1999) nos demonstra que a classificação de espécies africanas realizadas no continente por exploradores e cientistas europeus parte de uma visão ocidental. O nome científico e a descrição das espécies não consideram as características ou os sentidos que elas possuem para as comunidades locais. O próprio significado dado ao Baobá de assombro ou espanto, exemplifica esse argumento.

Ao todo, existem nove espécies da árvore no planeta, como demonstra a figura abaixo.

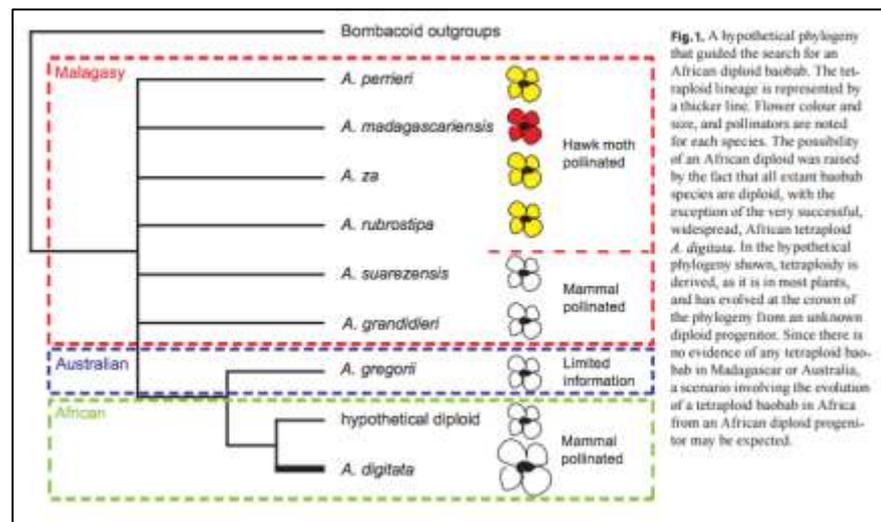


Figura 1: PETTIGREW, Jack D.; et al. Morphology, ploidy and molecular phylogenetics reveal a new diploid species from Africa in the baobab genus *Adansonia* (Malvaceae: Bombacoideae). *Taxon*, Viena, v. 61, n. 6, p.1241, Dec. 2012.

Das nove espécies, somente duas estão localizadas no continente africano, a maioria se encontra na ilha de Madagascar, onde está localizada a famosa *Avenida dos Baobás*.

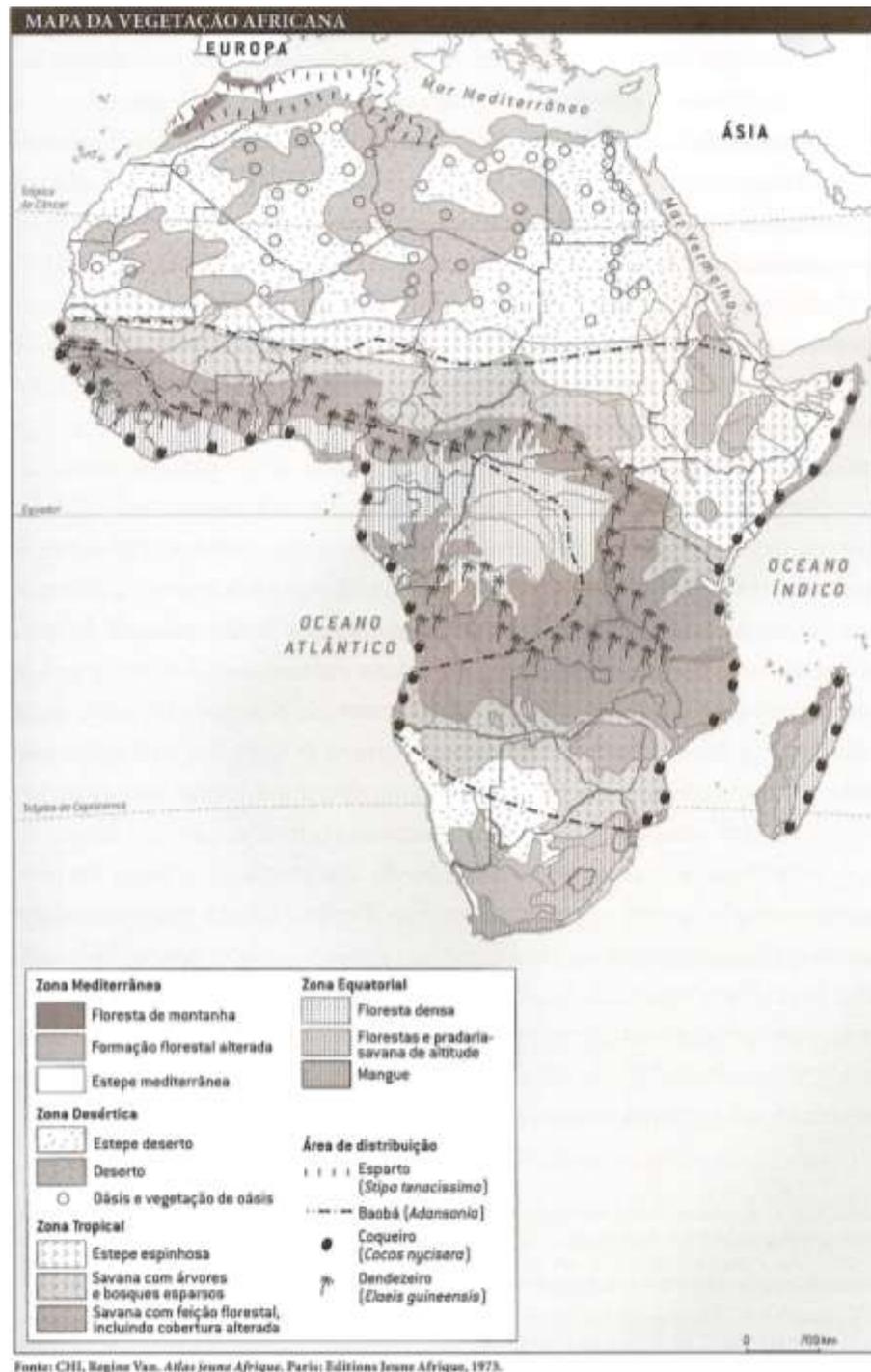


Foto 3: Na foto, estão os baobás da espécie *Adansônia Grandidieri*. Dos seis exemplares presentes na ilha, este é o de maior número. *Fonte:* WALDMAN, 2012, p.230.

Segundo Waldman, as características do Baobá garantiram que ele ocupasse posição privilegiada na construção do espaço pelos africanos, sendo encontrado em pontos de destaque na paisagem. Um conto da Costa do Marfim, denominado *A Árvore de cabeça para baixo*, diz em uma passagem que “O criador, que precisava fazer os homens e os outros seres da África, saía andando. E baobá o seguia onde quer que ele fosse.” (LIMA, 2005, p. 16), justificando a existência do Baobá por todo o continente. A espécie predominante na África é a *Adansonia Digitata*. Abaixo, seguem foto da espécie africana e mapa, onde é possível perceber a distribuição da árvore pelo continente.



Foto 4: Foto BT Wursten, *Adansonia Digitata*, Zimbabue, 2015. Disponível em <http://www.mozambiqueflora.com/speciesdata/image-display.php?species_id=139770&image_id=26>



Mapa 1: SERRANO, Carlos e WALDMAN, Maurício. **Memória d'África:** a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007, p. 63.

O mapa, no entanto, deve ser trabalhado com ressalvas, pois não demonstra a presença da árvore tanto no norte de Moçambique, onde recebe o nome de Embondeiro, quanto na ilha de Madagascar, onde estão presentes seis espécies da *Adansonia*, como já dito anteriormente.

Diante de toda essa magnitude, é impossível falar de África e não falar do Baobá. É a árvore da vida, pois tudo dela se aproveita; é a árvore da memória, que durante séculos de

existência acumula as mais variadas histórias; e como se não pudesse ser mais fantástica, ao morrer, se arde em chamas e desaba sobre si mesma, deixando ainda suas fibras que podem resultar em vários objetos.

Heloisa Pires Lima diz em seu livro *A semente que veio da África* que

Mais poderoso do que o real leão, o embondeiro também é símbolo dos homens de poder. Pois quem vive muito não é muito sabido? Dizem que ele dá bons conselhos. Os reis, grandes chefes e sábios sentavam debaixo do pé de embondeiro para a tomada de decisões muito difíceis. E, até hoje, ele ajuda a encontrar respostas. (LIMA, 2005, p.43)

Sendo assim, a proposta deste trabalho é levar tudo isso que o Baobá representa para a sala de aula, juntamente com toda a cultura africana que pode ser trazida com ele, as tradições orais e o papel do griô.

Recentemente desenhei um Baobá para meu primo de dez anos e perguntei se ele conhecia a árvore. Ele me respondeu que sim, pois leu sobre ela no livro *O pequeno príncipe*. Neste livro, considerado um clássico da literatura, o Baobá é o grande vilão da história. Comparado às roseiras ou aos rabanetes, o Baobá representa a erva má do pequeno planeta habitado pelo protagonista da história. Todos os dias o pequeno príncipe precisa arrancar as mudas de Baobá antes delas crescerem e racharem o planeta. Por fim, o narrador alerta o leitor:

Mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e tão grandes os riscos daquele que se perdesse num asteróide, que, ao menos uma vez, faço exceção à minha reserva. E digo portanto: "**Meninos! Cuidado com os baobás!**" Foi para advertir meus amigos de um perigo que há tanto tempo os ameaçava, como a mim, sem que pudéssemos suspeitar, que tanto caprichei naquele desenho. A lição que eu dava valia a pena. Perguntarão, talvez: Por que não há nesse livro outros desenhos tão grandiosos como o desenho dos baobás? A resposta é simples: Tentei, mas não consegui. Quando desenhei os baobás, estava inteiramente possuído pelo sentimento de urgência.

A partir da leitura da obra percebi, mais uma vez, o quanto é importante levar para as salas de aula outras histórias sobre o Baobá, sobre o que ele realmente representa. Não a morte ou a destruição, como insinua Saint-Exupéry, mas a vida, a memória, a África.

SOB(RE) UM BAOBÁ DE HISTÓRIAS

Michael Pollack (1989), em seu texto *Memória, esquecimento, silêncio*, afirma que a memória é um território de disputa. Esta disputa se constitui, principalmente, quando as memórias ditas subterrâneas, as memórias dos excluídos, emergem. No Brasil, um dos maiores momentos de emersão das “memórias subterrâneas”, foi com a publicação da lei nº 10.639. A partir daí a história e cultura africana e afro-brasileira era obrigada a entrar na escola e pela porta da frente! Todavia, como toda mudança na educação brasileira, a aplicação da lei vem seguindo em passos lentos. Como disse, ou melhor como Pollak disse, a memória é um campo de disputa, no caso brasileiro uma disputa histórica entre brancos e negros.

Até aqui tentei demonstrar a importância deste trabalho no que tange os elementos da cultura africana que serão trabalhos, mas não posso me isentar de dizer o que me motiva a isso: a ocupação das escolas com a valorização e identificação da cultura negra. É fato que essa preocupação tem se restringido às disciplinas de História e Artes, sendo que a lei determina que isso seja feito em **todas** as disciplinas. Contudo, ainda que seja limitado, não podemos deixar de cumprir este papel, pois aí sim seria uma coisa muito pior.

Sendo assim, este trabalho teve início com a construção de um Baobá, pela turma de sétimo ano da Escola Municipal Cosette de Alencar, localizada na cidade de Juiz de Fora. Não por acaso, ele foi feito de forma interdisciplinar com as disciplinas de história (minha disciplina), artes e português. A proposta era que as crianças tivessem contato com a cultura africana da oralidade e dos griôs, a partir do conhecimento da história do “Império” Mali. Para isso, contei algumas histórias de forma oral, com o objetivo de resgatar esta tradição e a figura dos griôs. Depois, junto com a professora de português, fizemos um trabalho de resgate da memória de cada aluno e as compartilhamos em baixo de um baobá artesanal, construído em parceria com a professora de artes (Ver foto 2).

Tendo em vista o ótimo resultado que colhemos deste trabalho e o envolvimento e dedicação das crianças, resolvi que este trabalho não poderia parar por aí. Foi assim, que comecei a dar início a proposta aqui apresentada: construir um baobá que falasse.

Num primeiro momento, pensei em fazer um pequeno baobá, que fosse mais fácil de ser deslocado e com uma pequena caixa de som em seu interior. Contudo, acredito que um trabalho que envolvesse a produção de um Baobá também fosse interessante e significativo do ponto de vista didático-pedagógico. Cabe à professora optar por uma das duas opções.

O material do Baobá, em ambos os casos, se estrutura da seguinte forma. A árvore em questão é um ser falante, que carrega uma série de histórias herdadas de seus antepassados.

Em geral, estas histórias trazem ensinamentos, lições de vida, e comportamentos reproduzidos em regiões distintas do continente africano. São nove histórias selecionadas e contadas a partir de narrativas presentes em três livros: *A semente que veio da África*, de Heloisa Pires Lima; *Toques do Griô: memórias sobre contadores de histórias africanas*, da mesma autora, em parceria com Leila Leite Hernandez; e finalmente, *O príncipe medroso e outros contos africanos*, do livro da Anna Soler-Point.

Esses contos foram narrados por pessoas de diversos países do continente africano, residentes no Brasil. Tal escolha foi pensada de modo que as histórias parecessem serem contadas por griôs e griotes africanos, no sentido de aproximar ainda mais os alunos ao continente. Esse material, gravado em formato Mp3, no suporte CD, poderá ser executado com o recurso de pequenas caixas de som alimentadas à bateria – amplamente comercializadas nos dias atuais – e adaptadas no interior do Baobá. Este mesmo conteúdo de áudio poderá ser reproduzido em outras mídias como smartphones, pen-drives e cartões de memória, ou mesmo conectado através da tecnologia bluetooth.

Os contos foram selecionados de tal forma que a professora e os alunos poderão escuta-los da maneira aleatória ou na sequência em que estão organizados os áudios. Entre cada história há também uma narração exposta pela própria árvore, em uma espécie de conversa com as crianças.

Antes de apresentar a proposta, a professora deve pesquisar de maneira mais aprofundada para ter um mínimo de conhecimento sobre a tradição oral, o papel dos griôs e do Baobá, conforme explicitado na seção anterior. Já em um primeiro momento da intervenção, a professora deve se preocupar em questionar o que os alunos detêm de conhecimento prévio sobre a árvore. Esse será um primeiro passo para que a professora comece a construir ou desconstruir uma imagem sobre o Baobá. Dependendo do público, é muito provável que alguma criança que o conheça do livro *O pequeno príncipe*, como meu primo.

Se a professora optar por levar o Baobá já pronto, ela poderá, à medida que apresentar um conto, explicar de onde ele veio, localizando-o no mapa do continente e descrevendo as características da região; pesquisar outras versões do conto ou contos parecidos, entre outras coisas. Esta abordagem é mais adaptável às turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, pois o caráter lúdico da árvore poderá ser um elemento a mais no despertar da curiosidade e atenção das crianças dessa faixa etária.

Já na segunda forma sugerida, a professora poderá construir o Baobá – como fiz com a turma do sétimo ano (ver plano de aula no portfólio) – e depois dar vida à árvore através de

uma semente encantada, por palavras mágicas, ou do jeito que a imaginação mandar. E, numa cerimônia, deixar que este Baobá que ganhou vida possa narrar aquilo que aprendeu! Esta forma pode ser adaptável a todos os anos do ensino fundamental. Todavia, trazer a fala do Baobá para turmas com idades mais avançadas pode descaracterizar o sentido do trabalho, uma vez que os alunos podem encara-lo como uma atividade não compatível a sua faixa etária, justamente por apresentar elementos fantasiosos. Mesmo assim, a atividade pode ser realizada através de um intercâmbio, onde os mais velhos apresentem a árvore feita por eles e suas histórias aos mais novos.

Enfim, as formas de trabalho podem ser infinitas, vai depender da imaginação do professor. O que me propus a fazer aqui foi criar um instrumento e dar algumas sugestões de trabalho. O professor não deve ficar preso somente a essas sugestões, pois todo seu trabalho depende da turma, da escola, da comunidade em que ele está inserido.

CONCLUSÃO

Foi pensando sobre, sob e sob(re) o Baobá que busquei apresentar as múltiplas dimensões que a árvore pode trazer ao universo escolar. Seus aspectos biológicos nos remetem à imponência em relação ao seu tamanho e sua longevidade. Desta árvore generosa tudo se aproveitada, desde a semente até as folhas. Seus aspectos culturais dizem sobre um universo permeado por simbologias, memórias e representações. Desta árvore generosa tudo se guarda, desde histórias e vivências de reis e camponeses, homens e mulheres, até animais e seres fantasiosos.

É impossível falar das características acima apresentadas sem trazer à tona a tradição oral e o papel dos griôs. A tradição oral não é simplesmente a oralidade pela oralidade. Tampouco a narração pela narração. Ela carrega fatores sociais, econômicos e culturais dos diversos povos africanos, o que a torna tão rica e complexa, exigindo assim um trabalho extremamente cuidadoso. Os griôs, por sua vez, são os indivíduos que dão voz a toda carga valorativa presente nas histórias contadas no continente.

Na realidade, o Baobá serviu como suporte de abertura para um mundo que é, na maioria das vezes, desconhecido, ou simplesmente silenciado por nossa cultura, inclusive nos currículos escolares. Os griôs iniciados se comprometeram a guardar essas histórias com toda a fidelidade em que foram passadas para eles próprios. Já os dielis, mesmo sem esse compromisso, cumprem um papel de valorização e manutenção de práticas culturais antigas.

Entre o griô e o dieli, podemos sacar a essência de um elemento de resistência. Valorizar as histórias quer dizer, acima de tudo, colocar-se no quadro de disputas pela memória, em seus mais amplos aspectos. As tradições precisam ser mais do que interpretadas, precisam ser vivenciadas. O trabalho com o Baobá proposto nas escolas não interpreta, tampouco vivencia a tradição africana em sua plenitude, mas a representa. E sua representação não deixa de ser uma maneira de vivencia-la. Mas como já foi dito, esta é somente uma tentativa!

BIBLIOGRAFIA

AGUESSY, Honorat. Visões e percepções tradicionais. In SOW, Alpha Iet al. **Introdução à Cultura Africana**. Lisboa: Edições 70, 1980, p.95-136.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013.

_____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: A organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento. Brasília: MEC/SEB, 2012.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEB, 1998.

GREENBERG, J. H. Parte I: Classificação das línguas da África. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) **História Geral da África**: Metodologia e Pré-História da África. Brasília: Unesco, 2010, v.1, p. 317-336.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) **História Geral da África**: Metodologia e Pré-História da África. Brasília: Unesco, 2010, v.1, p. 167-212.

KI-ZERBO, Joseph & HAMA, Boubou. Lugar da História na sociedade africana. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) **História Geral da África**: Metodologia e Pré-História da África. Brasília: Unesco, 2010, v.1, p. 23-36.

PETTIGREW, Jack D.; et al. Morphology, ploidy and molecular phylogenetics reveal a new diploid species from Africa in the baobab genus *Adansonia* (Malvaceae: Bombacoideae). **Taxon**, Viena, v. 61, n. 6, p.1240-1250, Dec. 2012. Disponível em <<http://www.uq.edu.au/nuq/jack/Taxon%20new%20GPS.pdf>>

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989. Disponível em <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) **História Geral da África**: Metodologia e Pré-História da África. Brasília: Unesco, 2010, v.1, p. 139-166.

WALDMAN, Maurício. O Baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial. **África**: Revista do centro de estudos africanos, São Paulo, número especial, p. 223-236, 2012. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/102638>>

MATERIAL DIDÁTICO

O texto a seguir é uma transcrição do áudio gravado em CD, material didático produzido para este trabalho, conforme já explicado.

Olá, eu sou a Árvore da Palavra, mas em algumas regiões da África também sou chamada de Baobá ou Embondeiro. Para falar a verdade, eu tenho vários nomes, mas ficaria horas aqui falando todos eles. Há quem me chame de *Andasonia digitata*, mas este foi um dos últimos nomes que recebi e ainda não me acostumei com ele. Por isso, quando me chamam assim costumo não atender, pois fico me perguntando se é comigo que falam. (risos) Ainda não me acostumei com ele!

Como disse, eu sou do continente africano, mas como muitos outros, não sei como vim parar aqui no Brasil. Uns dizem que foi um tal de Maurício de Nassau que mandou me trazer, há muitos anos. Outros dizem que vim no bico de um passarinho. (risos) E há quem diga que foram sábios africanos que foram escravizados no passado e quiseram me manter perto deles. Acredito nessa última versão e é sobre esses sábios que quero falar.

Estes sábios africanos são chamados de Griô, uma palavra criada pelos europeus para nomear aqueles homens que sempre estavam ao lado dos reis. Na verdade, eles eram chamados de Diélis e se reuniam com outras pessoas, incluindo os reis, para contar suas histórias embaixo de árvores como eu. Faziam isso, pois sabiam que nós guardaríamos suas histórias, apesar de muita gente duvidar, já que as árvores não falavam. Mas como disse, eram sábios, muito, muito sábios. Agora você deve estar se perguntando, se as árvores não falam, como eu estou falando.

Como vocês devem saber, todo filho traz consigo características de seus pais. Comigo não foi diferente. Minha mãe, ao me gerar, deixou em mim parte de suas memórias. Mas não só ela. Outros antepassados me deixaram essa herança. É como vocês humanos chamam de carga genética. Acho que foi desse jeito que consegui falar, pois a muito tempo atrás um baobá também falou. Vou contar para vocês a sua história:

Nos primórdios da vida, o Criador fez surgir tudo no mundo. Ele criou primeiro o baobá, e só depois continuou a fazer tudo existir.

Mas ao lado do baobá havia um charco. O Criador havia plantado o primogênito bem perto de uma região alagadiça. Sem vento, a superfície daquelas águas ficava lisa como

um espelho. O baobá se olhava, então, naquele espelho d'água. Ele se olhava, se olhava e dizia insatisfeito:

-Por que não sou como aquela árvore?

Ora achava que poderia ter os cabelos mais floridos, as folhas, talvez, um pouco maiores.

O baobá resolveu, então se queixar ao Criador que escutou por uma, duas horas as suas reclamações. Entre uma queixa e outra, o Criador comentava:

-Você é uma árvore bonita. Eu gosto muito de você. Me deixe ir, pois preciso continuar meu trabalho.

Mas o baobá mostrava outra planta e perguntava: Por que suas flores não eram assim tão cheirosas? E sua casca? Parecia mais a pele enrugada de uma tartaruga. E o Criador insistia:

-Me deixe ir, você para mim é perfeito. Foi o primeiro a ser criado e, por isso, tem o que há de melhor em toda criação.

Mas o baobá implorava:

-Me melhore aqui, e um pouco mais ali...

O Criador, que precisava fazer os homens e outros seres da África, saía andando. E o baobá o seguia onde quer que ele fosse. Andava pra lá e pra cá. (É por isso que estamos em vários lugares da África.)

O baobá não deixava o Criador dormir. Continuava e continuava, e continuava sempre a implorar melhorias.

Justo a árvore que o Criador achava maravilhosa, pois não era parecida com nenhuma outra, nunca ficava satisfeita! Até que, um dia, o Criador foi ficando irritado, irritado, mas muito irritado, pois não tinha mais tempo pra nada. Ficou irado mesmo. E aí então se virou para o baobá e disse:

-Não me amole mais! Não encha mais a minha paciência. Pare de dizer que na sua vida falta isso ou aquilo. E cale-se agora.

Foi então que o Criador agarrou o baobá, arrancou-o do chão e o plantou novamente. Só que ...dessa vez, foi de ponta-cabeça, para que ele ficasse de boca calada.

Isso explica a nossa aparência estranha, para alguns, é claro! É como se as raízes ficassem em cima, na copa. Parecemos uma árvore virada de ponta-cabeça! Acredito que todos os baobás têm a capacidade de falar, mas poucos como eu tiveram coragem. Às vezes, as pessoas se assustam!

Bom, mas como eu ia dizendo, os griôs ou diéli são verdadeiras bibliotecas, carregam consigo várias histórias e nos confiaram várias delas. Diéli quer dizer sangue, pois assim como o sangue circula pelas veias humanas para lhes dar vida, o diéli faz circular as histórias dentro da sociedade. Algumas são histórias reais, de pessoas, de famílias, de linhagens, clãs, povos e países. Outras não tem tanto compromisso com a verdade assim, mas são sempre histórias muito boas. Os griôs não deixam que essas histórias morram!

Minha mãe deixou em mim algumas dessas histórias e já que vocês estão dispostos a me escutar, contarei algumas. E farei melhor, contarei na voz de quem os contou, na voz de um Griô!

A primeira história que irei contar, talvez seja a história mais contada em toda a região do Mali. Vocês sabem onde é o Mali?! Ahhh.... É uma região riquíssima, repleta de histórias. Essa história que escolhi, é uma das mais contadas, de um grande príncipe que viveu por lá. Já ouvi várias versões dela, mas esta é a que mais gosto...

Sundiata Keita, o leão do Mali

(CONTO DO OCIDENTE AFRICANO, CONTADO NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO)

Na história da humanidade, a gente tem um rei, um rei de um tempo bem antigo, que já foi o rei mais rico do mundo, do universo! Porque ele já foi a Meca e gastou tanto ouro, que o ouro ficou barato, durante dez anos seguidos. E tudo que anda com ele tinha ouro: cavalo, cachorro....

Mas a verdadeira história de Sundiata Keita volta ainda mais longe. A história dele volta a um tempo bem antigo, onde tinha um rei bondoso e poderoso, seu nome Nare Maghan, que recebeu uma profecia, através dos griôs: ele tinha que ter um filho com a mulher mais feia da aldeia. Com essa profecia, o rei ficou se perguntando como ele conseguiria encontrar a mulher mais feia da aldeia. Mas, no fundo, na formação de aldeias, sempre nas extremidades, existiam mulheres feias e que tinham problemas. Então o rei foi conhecer essa mulher feia que se chamava Sogolon, a mulher prometida ao rei. Ela seria a mãe de Sundiata Keita, que seria o rei!

Como foi dito, a mulher casou com o rei e deu a luz, só que o filho nasceu com deficiência, o filho não podia andar. O pai ficou indignado:

– Essa profecia me deu um filho que não anda! Não tem um rei aqui, não.

Por um lado, o rei tinha um outro filho, com a rainha. Mas, ainda assim, o rei deu a Sundiata Keita um griô e disse:

– Ensine a ele tudo o que você sabe.

Por algum motivo o rei sabia que um dia ele ia morrer e o destino ia se cumprir, da forma que a profecia falou. Um tempo depois, o rei morreu e com sua morte – como Sundiata não tinha condição de andar – ele não podia ser rei. O irmão que foi o rei em seu lugar.

Só que o irmão, ao ser rei, virou um homem bárbaro, que não respeitava a mãe de Sundiata. E, além de ter uma governança ruim, tinha criado inimigos com as pessoas que o pai tinha criado amizade. O reinado ficou num estado de desolação intensa! Tinha que acontecer alguma coisa para dar fim aquilo.

É aí que chega a história do Leão do Mali, do Sundiata Keita, quando aparece sua bravura! Mesmo sendo um deficiente físico, Sundiata Keita tinha uma corpulência de pessoa forte. Quando ele absorveu todo o conhecimento que lhe foi dado pelo seu Griô, um dia qualquer, o irmão, já como rei, sempre batia em sua mãe e foi mais uma vez bater nela. Foi esse o dia que o Mali conheceu Sundiata Keita, este foi o dia que ele quis levantar.

Ele pediu para lhe darem uma bengala, mas qualquer coisa que lhe davam não aguentava a força dele. Mas existia uma bengala real, símbolo do poder real, que foi dada a ele para que pudesse se segurar. Quando ele se seguiu com ela, ele se levantou com suas duas pernas. E quando ele se levantou, a primeira coisa que fez foi arrancar um Baobá. O Baobá é uma árvore com um tronco de 83 metros de diâmetro. Gigante do jeito que ele é, grande e poderoso do jeito que ele é, Sundiata Keita teve a força nas duas mãos para arrancar esse Baobá da terra e levantar ele com suas duas mãos. Naquele momento, a profecia tinha sido cumprida. Naquele momento, ele teve que sair com a mãe dele, se refugiar em uma outra aldeia ali perto, onde ele teve que se aliar, convencer os amigos do pai, que eles podiam se unir mais uma vez e voltar a lutar contra aquilo que fazia mal naquela região: o irmão.

Contudo, o irmão tinha um feitiço que só podia ser desfeito por quem sabia de seu segredo. Uma irmã de Sundiata Keita foi levada como concubina do rei e, ao conhecer o rei, pode conhecer seu segredo. Ela desvendou o mistério que podia levar o Sundiata Keita a vencer essa luta. Quando Sundiata soube disso, ele reuniu todas as pessoas que estavam ali com ele, os amigos de seu pai, e foram juntos à luta. Foi a maior luta da história!

Foi essa luta que lhe deu o nome de Mansa Mussa, porque depois de ter vencido está luta, todos os reis com quem ele tinha se aliado, se inclinaram diante dele para dar-lhe o nome de Mansa Mussa, o rei dos reis. A partir daí se conheceu o Leão do Mali, o Sundiata Keita!

Sundiata Keita foi mesmo um grande guerreiro e um grande Mansa! Ele conseguiu reunir vários povos inimigos ao povo mandinga, somente com o poder da palavra. Depois dele, vários outros Mansas vieram e fizeram do Mali um dos lugares mais ricos da África.

O povo mandinga tem vários contos. Lembro de um que falava de um pescador. Ele foi contado assim:

Dju-Dju e o pescador

(CONTO MANDINGA DO SENEGAL E DE GÂMBIA)

Dentro de uma rede de pescador esquecida alguém encontrou este conto. . . Era uma vez um pescador que vivia à beira de um rio. Pescava o dia inteiro, quase sempre com uma vara ou com redes deixadas no meio do rio, mas também se atrevia a caçar animais maiores, como lebres ou antílopes, com o laço de corda ou então com armadilhas fabricadas por ele. Um dia, quando pescava com a vara, um peixe muito grande fisgou o anzol.

— Peguei um peixão! — exclamou o pescador em voz alta.

Puxou com todas as suas forças e da água saiu o espírito Dju-Dju, com um machado na mão, rindo como se fosse um louco. Todo assustado, o pescador perguntou-lhe com um fiozinho de voz:

— O que você está fazendo aqui?

Dju-Dju riu mais alto ainda.

— Vim incomodar você um pouquinho! Há, há, há!

O pescador viu logo que Dju-Dju não era nenhum monstro perigoso como a princípio pensara, e então disse ao espírito:

— E eu que esperava um peixão e me aparece você! Em vez de me ajudar, você vem para me incomodar!

— E como eu poderia ajudá-lo?

— É verdade! Como é mesmo que você poderia me ajudar? Tem tanta força quanto o vapor de uma panela e mal consegue ficar em pé!

Dju-Dju fez cara de zangado.

— Eu tenho tanta força quanto o vapor de uma panela? Venha, vamos ver quem tem mais força! Vamos ver qual de nós dois consegue jogar esse machado mais alto!

O espírito olhou para o céu com atenção e jogou o machado para cima.

Então o machado caiu no rio, espirrando água nas duas margens. Dju-Dju, que se atirou na água para recuperar o machado, saiu logo depois, ofegante:

— Não foi fácil tirá-lo de lá. Estava encravado bem forte no fundo do rio!

E deu o machado ao pescador.

— Agora é sua vez!

O pescador, que mal conseguia erguer o machado, disse com voz segura:

— Pois você vai ver! Vou jogar o machado tão alto que ele não vai nem voltar!

Dju-Dju ficou surpreso.

— Então, espere, não jogue! Seria uma pena perder um machado tão especial! E se a gente apostar corrida?

— Está certo! A gente pode correr até aquele caminho por onde os antílopes vão beber água.

O pescador, que também era caçador, havia feito um buraco no meio do caminho, coberto com galhos, esperando que algum antílope distraído caísse dentro. Dju-Dju começou a correr e, como não sabia de nada, caiu dentro do buraco. Quando conseguiu sair, o pescador já tinha chegado ao final do caminho.

— Você perdeu de novo! — disse, todo contente, o pescador. — Ainda quer continuar para ver quem tem mais força? Vamos ver qual de nós dois consegue pescar mais peixes?

E deixou uma vara de pescar com Dju-Dju, que não sabia nem como usá-la. O pescador aconselhou-o a ficar quieto.

— É que eu não consigo ficar sem me mexer — respondeu Dju-Dju.

— Nesse caso, talvez seja melhor amarrar você numa árvore!

— Tudo bem, mas amarre bem forte! O pescador amarrou-o bem forte ao tronco de uma árvore que crescia ao lado da água. E mesmo ficando bem quietinho, Dju-Dju não conseguiu pescar nenhum peixe.

— Para mim chega! Venha me desamarrar! — gritou Dju-Dju, vendo como o pescador tirava da água um peixe atrás do outro.

— Você se dá por vencido, então? — perguntou o pescador.

— Sim, eu perdi, mas me desamarre! Não aguento mais ficar tão quieto assim!

— Ah, não! Não vou desamarrar você ainda! Senão, você vai aproveitar para me incomodar!

— Prometo que nunca mais vou incomodar você! — disse Dju-Dju.

— Verdade?

— Palavra de Dju-Dju!

— E vai pôr peixes nas minhas redes?

— Vou.

— *E presas nas minhas armadilhas?*

— *Vou, vou! Mas me desamarre!*

O pescador soltou o espírito de novo, e a partir daquele dia Dju-Dju se dedicou a pôr peixes nas suas redes e presas nas suas armadilhas. As pessoas da aldeia, que costumavam comprar tudo o que ele caçava e pescava, ficaram maravilhadas com a abundância de suas presas. O pescador virou um homem rico e importante, e tudo porque tinha Dju-Dju trabalhando para ele em segredo.

O pescador se transformou na primeira pessoa a dominar o espírito Dju-Dju. Por isso, quando alguém caça além da conta ou volta para casa com um cesto cheio de peixes do rio, as pessoas dizem que com certeza teve a ajuda de Dju-Dju.

Os mandê possuem várias histórias de magia, de príncipes e de princesas. Sobre elas, gosto de uma que foi contada numa região perto do Mali, onde também existiu um grande reino chamado Gana.

A princesa, o fogo e a chuva

(GANA E OUTROS PAÍSES DA ÁFRICA OCIDENTAL)

Conta-se que havia um rei que tinha uma filha muito bonita. Iam passando os anos e ela ficava cada vez mais bela. As pessoas das aldeias do reino estavam convencidas de que era a moça mais bonita do mundo. Eram muitos os que queriam se casar com a princesa, mas os primeiros que haviam feito o pedido foram o fogo e a chuva.

Um dia a chuva, escondida, foi ver a princesa e lhe perguntou se queria casar com ela. E a princesa achou uma boa ideia. A chuva era poderosa. Graças à água que fazia cair é que cresciam as colheitas nos campos e também a grama para os rebanhos. Graças à chuva, eles tinham água para beber e para se lavar, e os lagos e rios estavam cheios de peixes. Portanto, a princesa aceitou a proposta.

Naquele mesmo dia, o fogo foi ver o rei e pediu-lhe permissão para casar com sua filha. O rei achou uma boa ideia. O fogo era poderoso. Graças às suas chamas, eles conseguiam espantar os animais perigosos, aquecer-se quando fazia frio, cozinhar os alimentos e iluminar as noites escuras. Portanto, o rei aceitou a proposta.

O rei mandou chamar a filha e anunciou a decisão que havia tomado:

— *Prometi ao fogo que você se casará com ele.*

— *Com o fogo? Mas se eu prometi à chuva que me casaria com ela!*

— *E agora, o que faremos? — exclamou o rei, preocupado.*

— *Estamos presos entre duas promessas!*

O fogo e a chuva foram visitar a princesa ao mesmo tempo, e o rei, que apareceu para recebê-los, aproveitou para lhes dizer que já havia decidido a data do casamento de sua filha.

— *O casamento comigo? — perguntou o fogo.*

— *O casamento comigo? — perguntou a chuva.*

— *A princesa vai se casar com quem vencer a corrida que vou organizar no dia do casamento — disse o rei.*

À medida que se aproximava a data da celebração, a expectativa crescia na aldeia. Alguns estavam convencidos de que o fogo venceria. Outros achavam que quem ganharia seria a chuva. A princesa não contara a ninguém, mas para ela estava muito claro que, não importava quem ganhasse a corrida organizada por seu pai, ela manteria sua promessa e só se casaria com a chuva.

Chegou o dia do casamento e da corrida. E era um dia de muito vento. O rei fez um sinal com a mão e os tambores soaram. Começou a corrida. No início, o fogo ia ganhando, porque o vento o ajudava a manter as chamas e a avançar depressa. E a chuva não fazia praticamente nenhum esforço, caíam apenas algumas gotas do céu. O fogo continuava avançando com rapidez, e todo mundo achava que ele iria ganhar com facilidade. Quando o fogo ia quase chegando ao lugar onde o rei e a princesa estavam sentados, ouviu-se um trovão, e todos viram a chuva se preparar para cair. Mas parecia tarde demais! O fogo avançava e, quando lhe faltavam poucos metros, a chuva soltou uma cortina de água com todas as suas forças. O fogo se apagou de repente, antes de chegar ao final, e a chuva foi declarada vencedora.

A princesa dançou feliz embaixo da chuva que caía ao ritmo das percussões do povo que ainda soavam.

Desde aquele dia, sempre houve uma grande inimizade entre o fogo e a chuva. E ainda hoje, quando chove com força, muitos se põem a dançar embaixo da água que cai do céu, lembrando o casamento da princesa.

Dessa região do Gana conheço várias histórias.... Lembro de uma muito interessante que fala sobre esperteza. Vocês são espertos?! Espero que sim....

A lebre e o gênio da selva
(GANA E OUTROS PAÍSES DA ÁFRICA OCIDENTAL)

Um dia a lebre foi procurar o gênio da selva e disse:

— Oh, gênio! Você, que vela sobre todos os habitantes da selva, você, que é o mestre dos mestres, queria lhe pedir uma coisa.

— Do que se trata? — É uma coisa só: quero que você me torne mais inteligente. Quero ser o animal mais inteligente de todos.

— Mas por quê?

— Quero ter o cérebro mais poderoso que o de todos os outros animais da selva.

O gênio ficou um tempo pensando em silêncio e depois disse:

— Está certo, vou tentar atender ao seu desejo, mas primeiro você vai ter que demonstrar o que é capaz de fazer. Leve essa abóbora vazia e traga-a de volta cheia de passarinhos; pegue essa outra carcaça de abóbora e traga-a de volta cheia de leite de impala; leve também esse bastão e traga uma cobra do mesmo comprimento. Quando você voltar com a abóbora cheia de passarinhos, a abóbora cheia de leite de impala e a cobra do mesmo comprimento do bastão, então vou decidir o que posso fazer por você.

A lebre foi embora com tudo o que o gênio lhe dera. Depois de ter andado um bom tempo, parou ao lado de uma fonte onde muitos animais iam beber, principalmente na hora do pôr do sol. E ali ficou um bom tempo, pensando e pensando, até que o sol começou a descer e acabou sumindo no horizonte.

De repente, um bando de passarinhos da selva chegou até aquele lugar. Os pássaros saltavam, chegavam perto da fonte e do rio, bebiam, espirravam água uns nos outros, voavam e não paravam de cantar. A lebre, que não demorou a vê-los chegar, teve uma ideia. Saiu do seu esconderijo e começou a gritar com todas as suas forças:

— Não!. . . Não!. . . Nunca vou conseguir! É impossível! Totalmente impossível! Quem é que pode acreditar numa coisa parecida? Não, não e não! Não são numerosos o suficiente, impossível!

Os pássaros, ao ouvirem os gritos da lebre, pararam logo e, intrigados, perguntaram o que estava acontecendo, por que estava tão agitada.

— Nem me perguntem! Não me atrevo a contar! É uma besteira!

— Mas do que se trata? O que é tão impossível assim?

— Alguém me disse que todos vocês podiam caber dentro dessa abóbora aqui. Mas eu sei que é totalmente impossível: vocês são muito numerosos e, além disso, é impossível que consigam ficar aqui dentro umas quantas horas!

— Mas é claro que podemos! — responderam os pássaros. — Podemos encher a abóbora inteira e não vai acontecer nada com a gente! — Não, insisto, é impossível! — voltou a dizer a lebre.

— Ah, é? Então agora vamos demonstrar que você está equivocada!

Um primeiro pássaro entrou na abóbora, depois um segundo e a seguir um terceiro, e assim até que a abóbora abóbora ficou cheia, gomo por gomo.

Então, a lebre maliciosa pulou em cima da abóbora, fechou-a tão forte quanto pôde para que os pássaros não pudessem fugir e a escondeu num canto atrás da fonte.

Pouco depois chegou uma impala para beber a água empoçada da fonte. E a lebre começou a pular por todo canto, da direita para a esquerda, para a frente e para trás, gritando com todas as suas forças:

— Não! Não! Nunca! É impossível! Quem pode acreditar numa coisa dessas? Não, não e não! Não tem leite suficiente!

A impala, toda surpresa, parou em cima das quatro patas, observou a lebre e perguntou:

— O que está acontecendo, lebre? O que é tão impossível assim?

— Ui, não quero nem falar disso! Trata-se de uma coisa totalmente impossível!

— Mas o que é?

— Alguém me falou que você seria capaz de encher essa abóbora com seu leite. Mas eu sei que é impossível: você não tem leite suficiente para isso.

— Você está brincando, não é, lebre? — disse a impala, rindo. — É claro que posso deixar essa abóbora bem cheia!

Mas a lebre fingiu que não acreditava, fazendo que não com a cabeça.

— Não, a verdade é que você não consegue.

— Ah, eu não consigo, hein? — respondeu a impala, um pouco zangada. — Espere um pouco e verá!

E se acomodou sobre a abóbora, e seu leite começou a cair dentro dela. Caía, caía e caía, e mais e mais e mais. Até que a abóbora ficou bem cheia.

— Perdi a aposta — disse a lebre com cara de triste. — Meu primo leão estava certo quando falou que você tem mais leite que a vaca. Vou lá dizer para ele vir aqui ver.

E ao ouvir isso a impala ergueu as orelhas em sinal de alarme e exclamou:

— Adeus, lebre! É melhor eu ir embora. Vejo seu primo outro dia!

E, de um pulo, ela desapareceu dentro da selva.

A lebre, contente por ter podido perder de vista a impala tão facilmente, logo tampou a abóbora cheia de leite com muito cuidado e a levou até onde guardava a abóbora com os pássaros.

Não passou muito tempo e uma cobra apareceu por ali para se refrescar onde o rio começava. Assim que a viu, a lebre começou a andar devagar ao lado do bastão deitado no chão, gritando bem alto:

— Dois passos. . . Três passos. . . Quatro passos. . . Não! Não! Cinco passos. . . Impossível! Seis passos. . . Mas quem é que acredita nisso? É impossível! Não, não e não! Ela não é tão comprida assim!

A cobra parou para observar a lebre, seus gestos e seus gritos agitados ao lado do bastão de madeira. E perguntou o que estava acontecendo.

— Ui, não quero nem falar disso! Trata-se de uma coisa totalmente impossível!

— Mas o que é? Por que você está tão agitada?

— É que alguém me falou que você é tão comprida como esse bastão. Mas sei que é impossível, que você não é tão comprida assim!

— Você não está falando sério, não é? — exclamou a cobra.

— É claro que estou! É impossível que você seja tão comprida quanto esse bastão!

— Então agora você vai ver! — disse a cobra, incomodada porque a lebre não acreditava nela. E se esticou do lado do bastão. . . E naquele momento a lebre deu um bote, amarrou a cobra no bastão dando um nó na cabeça e outro na cauda, e apertou bem para que a cobra não pudesse escapar.

Então a lebre pegou as duas abóboras cheias e o bastão com a cobra amarrada e foi ver o gênio da selva outra vez.

— Olhe, aqui está tudo! A abóbora cheia de pássaros, a abóbora cheia de leite de impala e a cobra comprida como seu bastão.

O gênio da selva olhou tudo com atenção e tocou a testa da lebre dizendo:

— A verdade é que se eu tornasse você mais inteligente estaria fazendo uma besteira.

— Por quê? — perguntou a lebre.

— Porque você já é esperta o suficiente assim! Se você fosse mais inteligente, acabaria sendo meu mestre!

Quem aí gosta de aranhas?! E quem tem medo delas?! Eu gosto de aranhas! Acho elas muito ágeis e espertas. Na região do Senegal algumas aranhas são chamadas de Anansi, vocês sabiam?! Não!!! Ahhh... Então contarei para vocês um conto que explica porque elas levam este nome.

Como Anansi se transformou em aranha
(SENEGAL E OUTROS PAÍSES DA ÁFRICA OCIDENTAL)

Vocês sabiam que no meio da selva vivia um rei que tinha uma cabra gigante, a maior cabra que alguém já vira? A cabra tinha chifres muito compridos e fortes, que assustavam quem se aproximasse. Para o rei, aquele animal era seu bem mais precioso, mais que qualquer outro dos seus pertences, que eram muitos! A gente do reino sabia que a cabra podia pastar onde quisesse e que ninguém podia tocá-la nem lhe fazer nada. Todos tinham que deixá-la comer o que desejasse e o tanto que quisesse, mesmo que ficassem sem ter com que se alimentar. E quem não obedecesse às ordens do rei seria preso.

Havia um camponês que se chamava Anansi e que era bastante conhecido por sua simpatia, mas também por seus cultivos. Estava muito orgulhoso dos cereais e das frutas que conseguia fazer crescer nos seus campos. Ninguém imaginava que Anansi fosse deixar a cabra do rei comer suas colheitas ou andar pelo meio dos campos pisando os brotos mais tenros, e seus vizinhos esperavam que a cabra nunca aparecesse por ali, para evitar a cena que já imaginavam!

Mas um dia, quando as chuvas começaram a cair e as hastes das plantas de milho já estavam bem altas e fortes, Anansi foi dar uma olhada nas suas plantações. Ficou muito contente com o que viu ao seu redor e já estava a ponto de voltar para casa quando, um pouco adiante, viu um pedaço do campo que havia sido pisado e estava cheio de espigas de milho arrancadas. E ali, no meio do campo, como se não fosse com ela, viu a cabra do rei roendo tranquilamente uma espiga de milho. Anansi ficou muito zangado, pegou uma pedra do chão e a atirou com fúria contra o animal, com tamanha pontaria que a pedra acertou entre os dois olhos, com um golpe seco, e a cabra caiu no chão, morta no mesmo instante.

Anansi não tivera nenhuma intenção de matá-la! E agora, o que faria? Como toda a gente do povoado, Anansi conhecia as ordens do rei e sabia que se descobrissem o que havia acontecido ele seria preso, e talvez até executado! Andou até a árvore do carité pensando em como se safar daquele grande problema. E, de repente, uma noz de carité caiu de um galho com força e bateu em cheio na sua cabeça. Anansi a colheu do chão e comeu. Outra noz caiu

de outro galho, batendo forte no chão. Então ele sacudiu o tronco vigorosamente e caíram muitas nozes. E Anansi teve uma ideia fantástica. Pegou umas nozes do chão e enfiou-as no bolso. E foi buscar a cabra, que estava ali onde ficara depois da pedrada, e a levou até a árvore. Trepou na árvore carregando a cabra nas costas e a amarrou com firmeza entre os galhos mais altos. Então desceu e foi ver seu amigo Kusumbuli. Os dois ficaram um tempo conversando até que Anansi tirou as nozes de carité do bolso e ofereceu ao amigo.

— Essas nozes têm um gosto muito bom! — disse Kusumbuli. — Onde você arrumou?

Anansi prometeu a Kusumbuli que lhe mostraria a árvore de carité e andaram juntos até chegarem embaixo dela.

— Você tem que sacudir o tronco bem forte para que elas caiam — explicou Anansi.

Kusumbuli sacudiu o tronco tal como dissera seu amigo, e de repente a cabra morta caiu no chão.

— Mas o que foi que você fez? — gritou Anansi. — Olhe! É a cabra do rei, está morta!

Kusumbuli ficou pálido como a lua, sem reação.

— Tenho uma ideia, já sei o que você pode fazer! Conte ao rei o que aconteceu e ele vai entender que foi um acidente!

Kusumbuli achou que era um bom conselho, e então carregou a cabra morta e foi ao encontro do rei, esperando que ele estivesse de bom humor. O caminho até o palácio real passava em frente à sua casa, e ele aproveitou para entrar e se despedir da família, já que achava que talvez não voltasse a vê-los. Anansi ficou do lado de fora esperando.

Kusumbuli contou o episódio à esposa. Depois de um silêncio ela disse:

— Mas você já viu cabra trepando em árvore alguma vez? Pense um pouco! Eu acho que Anansi lhe deve uma explicação! Você tem que fingir que está indo ver o rei sozinho, mas sem ir de verdade! No meio do caminho dê meia-volta e depois diga a ele que não aconteceu nada, que foi tudo bem.

Kusumbuli pediu a Anansi que ficasse cuidando da sua família, porque assim ele se sentiria mais tranquilo de ir ver o rei sozinho.

Horas mais tarde, Kusumbuli voltou para casa sorrindo e correu para abraçar a família.

— Fique com a gente para comemorar que tudo deu certo, Anansi! — disse. — Fui ver o rei e ele não ficou nem um pouco zangado. Na verdade, disse até que eu podia ficar com a cabra morta e comer a carne dela!

Anansi não podia acreditar no que ouvia.

— *O quê? Você vai ficar com toda a carne quando fui eu que matei a cabra e fiquei tentando achar uma solução? Você teria que me dar uma parte!*

Kusumbuli e sua esposa decidiram levar Anansi diante do rei e acusá-lo do crime, e embora Anansi tentasse convencê-los e resistisse muito, conseguiram conduzi-lo ao palácio. Dizem que o rei, ao ouvir aquela verdade, ficou muito zangado e deu um pontapé tão forte em Anansi que este se partiu em mil pedaços, que ficaram espalhados pela sala. E cada pedaço se transformou numa aranha pequena, muito pequena. E é por isso que nas casas é sempre fácil achar uma aranha pequena em cada canto, esperando o dia em que todos os pedaços possam se juntar de novo para voltar a ser como antes.

E se uma noz de carité cair em cima de vocês, lembrem-se de que as mentiras nunca trazem nada de bom!

Gostaram dessas histórias?! Ah... As histórias das regiões do Mali, Gana e Senegal, são realmente fantásticas! Acredito que minha mãe era de lá, por isso tenho tantas histórias e tanto apego a essa região. Conheço muitas outras histórias de lá, de outros príncipes e outras princesas, de magia e de animais, como as da lebre ou da aranha. Mas como disse, não herdei histórias só de minha mãe, mas também de muitos outros antepassados, que viveram a mais de 10 mil anos atrás. Já falei para vocês que nós, os Baobás, podemos viver mais de seis mil anos?! Eu ainda sou bem nova, tenho apenas 60 anos. Tenho certeza que um dia serei como estes antepassados e terei muito mais histórias para contar.

Mas vamos deixar de conversa fiada, a próxima história que tenho para contar a vocês veio do outro lado do continente, de um lugar que hoje chamam de Etiópia. É um dos meus contos favoritos, pois fala de amizade!

O escravo e o fogo da amizade que o libertou

(ETIÓPIA)

Conta-se que nas terras do norte da Etiópia, cheias de altas montanhas, havia um homem escravo que trabalhava nos campos de algodão. Levantava todo dia quando o sol surgia e não parava de colher algodão até que se punha. Depois limpava a casa do seu amo, dava comida aos animais, cortava madeira... O tempo passava e aquele homem estava cada vez mais cansado. Um dia, quando já não aguentava mais, atreveu-se a ir ver seu amo e lhe disse:

— *Fui seu escravo por muito tempo. O senhor me prometeu a liberdade. Quando irá me dá-la?*

Seu amo desatou a rir.

— *Quer dizer que você quer ser livre? Então agora vou dizer o que você precisa fazer! Está vendo aquela montanha alta cheia de gelo e neve que começa onde termina nossa aldeia? Esta noite você vai ter que subir até lá em cima de tudo. O ar é muito frio, mas você tem que ficar até que amanheça. Se conseguir sobreviver sem roupa e sem nenhum tipo de abrigo, tão desprotegido como as rochas que ficam lá, você será livre. Ninguém pode ajudá-lo, ninguém pode lhe dar abrigo. Você estará nu e sozinho.*

O escravo foi ver seu melhor amigo, que era um homem já velho e muito sábio.

— *O que faço? — perguntou. — Como vou sobreviver esta noite? Se fizer o que meu amo disse, vou morrer congelado!*

Seu amigo pensou em silêncio até que falou:

— *Eu vou ajudá-lo.*

Quando estava bem escuro, o homem que era escravo começou a subir a montanha, e, ao mesmo tempo, seu amigo, bem carregado de lenha, começou a subir outra montanha que havia mais adiante. O homem que era escravo chegou ao alto da montanha e ali ficou, descalço e sem roupa, tremendo de frio. Havia neve por toda parte, e o ar era o mais frio que já sentira. As rochas estavam cobertas de gelo, e ele tinha dificuldade para respirar. De repente, na montanha em frente foi acesa uma grande fogueira de chamas gigantes que iluminavam a escuridão da noite. Atrás do fogo ele viu seu amigo esforçando-se para manter as chamas bem acesas, pondo mais e mais lenha para garantir que ela não se apagasse.

O homem que era escravo descobriu que as chamas do fogo de seu amigo tinham começado a aquecer o ar, e ele já não sentia tanto frio. Não tremia mais. Estava lá em cima, nu e desprotegido, contemplando o fogo da montanha ao lado sem sentir frio. Passou a noite inteira olhando o fogo que o amigo acendera para ele, e o frio não o venceu.

Na manhã seguinte, quando o sol já havia aparecido, desceu da montanha e foi ver seu amo. Encontrou-o muito zangado. Não queria libertar seu escravo, mas não tinha outra opção.

— *Pode ir embora — disse.*

O escravo que sobrevivera ao frio graças à amizade já era um homem livre. E assim viveu o resto da sua vida. Desde então, os povos das montanhas dizem que a amizade ajuda a tornar as pessoas mais livres.

A amizade é realmente algo precioso! Gosto deste conto porque ele exemplifica muito bem o que é isso. Mas amizades verdadeiras são raras! Muitas pessoas já me disseram isso, ou melhor, disseram isso ao se reunirem sob minhas sombras. Acho que é por isso que quando penso em amizade lembro deste conto. Mas quando penso em amizade também penso em um outro conto. Este também é de uma região próxima à Etiópia, chamada Sudão.

A armadilha dos ecos
(CONTO NUBA DO SUDÃO)

Num pequeno povoado ao sul do deserto da Núbia, entre o Nilo Azul e o Nilo Branco, vivia um camponês que trabalhava fazendo óleo de gergelim. Ele também tinha um pequeno pedaço de terra que queria transformar num campo de amendoins. Um dia, foi limpar seu pedaço de terra e queimar os galhos cortados para preparar o campo. Mal havia começado e de repente ouviu uma voz que saía de detrás de um matagal seco.

— Quem está aí? — perguntou a voz.

— Sou eu — respondeu o homem.

— E está fazendo o quê?

— Estou limpando este pedaço de terra para transformá-lo num campo e plantar amendoins.

— Espere, vou ajudá-lo! Sou o rei dos ecos e agora mesmo vou mandar cem ecos em seu auxílio.

Dito e feito. Chegaram cem ecos, que limparam o pedaço de terra num instante. O homem ficou encantado.

— Com essa ajuda, tudo vai correr melhor!

Depois de uns dias, quando os galhos que havia cortado já estavam secos, o homem voltou ao seu terreno para queimá-los e espalhar as cinzas naquilo que seria seu campo. Mal começara a acender o fogo e ouviu uma voz forte que dizia:

— Quem está aí?

— Sou eu — respondeu o homem.

— E está fazendo o quê?

— Estou queimando os galhos para adubar a terra com as cinzas.

— Espere, vou ajudá-lo!

E o rei dos ecos enviou-lhe trezentos ecos, que se puseram a queimar galhos sem parar, até que viraram cinzas, que eles espalharam pelo campo.

— *Com essa ajuda, tudo vai correr melhor!* — exclamou o homem.

Chegaram as chuvas. E logo o camponês encheu um cesto de sementes de amendoim e foi até o campo semeá-las. E voltou a ouvir a voz:

— *Quem está aí?*

— *Sou eu* — respondeu o homem.

— *E está fazendo o quê?*

— *Estou semeando os amendoins.*

— *Espere, vou ajudá-lo.*

E chegaram novecentos ecos, que semearam todos os amendoins.

— *Com essa ajuda, tudo vai correr melhor! E quando os amendoins já começavam a ficar maduros, o camponês foi até o campo caçar os passarinhos que tentavam comê-los. Assim que chegou, já ouviu o eco:*

— *Quem está aí?*

— *Sou eu* — respondeu o homem.

— *E está fazendo o quê?*

— *Estou caçando os passarinhos para que eles não comam meus amendoins.*

— *Espere, vou ajudá-lo!*

Chegaram dez mil ecos, que caçaram todos os passarinhos. O camponês voltou para casa repetindo a frase que o deixava feliz:

— *Com essa ajuda, tudo vai correr melhor!*

Passaram-se mais alguns dias. Ele voltou ao campo, colheu alguns amendoins e os experimentou para ver se já estavam maduros.

— *Quem está aí?* — perguntou a voz do eco.

— *Sou eu* — respondeu o homem.

— *E está fazendo o quê?*

— *Estou colhendo alguns amendoins para ver se estão maduros.*

— *Espere, vou ajudá-lo!*

Apareceram cem mil ecos, de todas as direções, que pegaram todos os amendoins e os comeram!

O camponês não conseguiu fazer nada para impedir. Depois daquela ajuda, já não podia mais esperar que as coisas corresse melhor... Os ecos haviam preparado uma armadilha.

O camponês decidiu arrancar todas as plantas de amendoim do seu campo, plantar cana-de-açúcar e não aceitar ajuda de mais ninguém!

Se alguma vez ouvirem um eco seguindo vocês, lembrem-se desta história!

Espero que também tenham gostado dessas histórias. Irei contar apenas mais uma e depois irei partir. Não sou de falar muito, mas como vocês tem ouvidos muito bons, acabei me empolgando. Confesso que fiquei cansado! Afinal, falar não é uma das minhas melhores habilidades. Esta história também é uma das minhas favoritas, pois fala do Grande espírito do Baobá. Ela vem de uma região lá do sul da África, chamado Zimbábue. Acredito que foi lá que surgiu os primeiros Baobás.

O espírito do Grande Baobá

(ZIMBÁBUE)

Há muito, muito tempo, existia um enorme baobá perto do rio Zambezi, que todo mundo chamava de o Grande Baobá. O baobá desse conto era o maior, o mais grosso e o mais alto de todos. Tinha vivido muitíssimos anos e aprendido várias coisas. Portanto, era uma árvore muito sábia. Todas as outras árvores e os animais que viviam por ali a tratavam com bastante respeito. Sua fama se espalhou por toda parte, e eram muitos os que se aproximavam para pedir conselhos.

Um dia chegou à beira do rio um espírito de árvore que procurava uma nova casa para morar. Os espíritos das árvores são muito especiais e sempre procuram a melhor árvore para se instalar. Então, ele se dirigiu ao Grande Baobá e perguntou se poderia se instalar e morar dentro do seu tronco. O Grande Baobá ficou muito contente com a proposta e aceitou na hora. Era uma honra ser a árvore escolhida por um espírito!

Durante um tempo, o Espírito da Árvore fez com que todos os habitantes daquele trecho da selva junto ao rio Zambezi vivessem felizes. Mas, um dia, uma praga estranha e desconhecida caiu sobre a selva e estragou as plantas e as árvores, apodreceu os frutos e fez adoecer os animais. Até os peixes da beira do rio nadaram para bem longe dali para não morrerem envenenados. Milhares e milhares de gafanhotos saltavam por toda parte e devoravam tudo. Milhares e milhares de lagartas de todo tipo subiam pelos troncos das árvores para comer todas as folhas que encontravam. Na verdade, comiam tudo. Com a praga também vieram ventos bem fortes, que sopravam sem parar e destruíam tudo o que encontravam pelo caminho. A terra secou, e as cores se apagaram.

Com muita preocupação, o Grande Baobá pediu ao Espírito da Árvore que salvasse a selva, que fizesse alguma coisa para deter aquela praga misteriosa que podia destruir a todos.

— Já sei! — exclamou finalmente o Espírito da Árvore.

O Grande Baobá convocou as criaturas da selva para uma indaba. Todos se reuniram sob a sua grande sombra. O Espírito da Árvore falou com uma voz que soava como o vento quando se move entre os galhos.

— É preciso que a gente faça vir a chuva, ela é a única que pode espantar essa praga que está destruindo nossa bonita terra e nos devolver a calma.

Então pediu aos habitantes da selva que fizessem muito barulho, todos ao mesmo tempo, como se fossem trovões, um atrás do outro. E todos bateram, guincharam, gritaram, bufaram, bateram as asas... O barulho parecia mesmo uma tempestade. As nuvens da chuva não demoraram a aparecer, tal como havia previsto o Espírito da Árvore, e uma cortina de água caiu em cima do trecho de selva do Grande Baobá. A praga fugiu na hora, e o vento descontrolado parou.

A vida da selva à beira do rio Zambezi voltou a ser a de sempre, e o Grande Baobá e o Espírito da Árvore continuaram morando juntos por muito tempo. E juntos superaram todos os problemas que apareceram.

Bom... Assim me despeço! Foi muito bom dividir essas histórias com vocês! Espero que possam leva-las com vocês e dividi-las com outros amigos, assim com eu fiz com vocês. Adeus meus amigos!

PORTFÓLIO

HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA

Sou Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e, atualmente, estou matriculada na faculdade de Pedagogia da mesma instituição. Desde o ano de 2012 leciono aulas de história para o Ensino Fundamental e Médio, nas redes municipal e estadual de ensino. Já fora do espaço estritamente escolar e acadêmico, atuo em um coletivo formado recentemente, denominado PretAção, que tem como objetivo promover ações que valorizem a mulher e a cultura negra e a conscientização da população sobre a nossa luta por respeito e equidade de direitos. Recentemente, promovemos ações com esses objetivos: o “Ah Branco, dá um tempo!”, o “Turbantaço” e ações em escolas.

Minha vida escolar começou cedo: frequentei creches, depois os chamados primeiro, segundo e terceiro período (atual primeiro ano do Ensino Fundamental); seguindo para o Ensino Fundamental, de primeira a oitava série (atuais segundo ao nono ano do Ensino Fundamental); Ensino Médio; faculdade de História; mestrado em História; aperfeiçoamento em Cultura e História dos Povos Indígenas e, atualmente, faculdade de Pedagogia e a pós-graduação em História da África. Ou seja, frequento a escola desde os três anos de idade.

Dos primeiros anos de escolarização me lembro de pouquíssimas coisas. Lembro um pouco do terceiro período do Marianinho (E. E. Mariano Procópio) por conta dos ditados massacrantes que a professora passava para gente. Lembro-me de ter uma professora muito legal no primeiro ano, a Ione, e de preencher, toda aula, uma ficha no caderno com o nome da cidade, o nome da escola, o nome da professora, o ano em que estava, a turma e meu nome. Estudava na E. E. Duque de Caxias e todos os dias, ao chegar, cantávamos o hino nacional. Já na data em comemoração ao aniversário do militar, abraçávamos a escola. Estudei lá até a quarta série. Lembro-me dos ditados horríveis que fazíamos não só na aula de português, mas também na aula de matemática, com a tabuada. Em matemática eu era até boa, mas em português era terrível. Não me lembro de nada que estudei em História, Geografia ou Ciências. Lembro-me da escola ter uma turma só para surdos e mudos e o recreio deles era separado do nosso. Mas o que mais me marcou no tempo em que estudei lá era nunca ter par para dançar a quadrilha, sempre era a última a ser escolhida e acabava dançando com outra menina. Isso fez com que eu odiasse festas juninas por um bom tempo.

Saindo do Duque de Caxias, fui para a E. E. Fernando Lobo, onde cursei do quinto ao oitavo ano. Dessa época já me lembro de mais coisa. Apesar de ser uma escola pública, na minha sala somente sete alunos eram negros, incluindo eu. Cada turma tinha em média 40 alunos. E isso, de certa forma, se refletia por toda a escola. Não me lembro do conteúdo passado nas aulas de História. Apesar de hoje ser professora dessa disciplina, História sempre foi minha pior nota. Para piorar, no quinto ano tive uma professora que parava na porta e esperava que todos da turma ficassem de pé para ela poder entrar. Só podíamos sentar quando ela mandasse. Além disso, ela tinha um caderninho vermelho que todos tinham medo do nome ir parar lá. Morria de medo dela! Por ironia, no final do ano a tirei de amigo oculto e ela passou a me adorar dali em diante. Já nas aulas de Geografia, lembro-me de fazer os exercícios e colorir os mapas do Geoatlas da editora Ática. Nenhuma discussão além disso.

Nesse período, odiava meu cabelo, assim como várias meninas negras como eu. Meus colegas, para ajudar, me botaram vários apelidos, quando não era vassoura de piaçava ou Bombril, era miojinho. Passei várias coisas no cabelo para ficar liso e, na maioria das vezes, não dava certo. Não sei como meu cabelo não caiu! Junto a isso, tinha o sentimento de nunca ser interesse de um menino. Andava com várias meninas bonitas da escola, mas sabia que eu era a amiga feia, pois sempre era empurrada para o menino feio do grupo dos meninos. Sentia-me mal por conta disso! Tinha por convicção que ficaria sozinha, nunca arrumaria um namorado. Eu tinha apenas 13 anos!

Outra coisa que me lembro dessa época é de não gostar de ser negra, queria muito ser branca. Todos os personagens que escolhia representar eram brancos. Odiava quando minhas amigas me empurravam o personagem negro. Hoje refletindo sobre essa época, só consigo justificar essa minha atitude por não ouvir histórias de negras e negros quando criança. Provavelmente, a única história que ouvi foi da escravidão. Sem contar que qualquer associação feita à negra ou ao negro era pejorativa. Por exemplo, muitas pessoas diziam (e dizem até hoje) que o Duque de Caxias e o Fernando Lobo só eram escolas boas porque não eram frequentadas pelos jovens do bairro Santa Luzia e do Dom Bosco, respectivamente. Povo em sua maioria negro e pobre. Ou seja, ouvir isso naquela época era associar a cor negra a coisas ruins. Eu não era ruim, logo não podia ser negra.

No Ensino Médio, as coisas mudaram um pouco: já não alisava mais meu cabelo e passei a ter um convívio com mais pessoas negras, pois passei a estudar a noite. Naquela época, eram raras as escolas públicas que tinham Ensino Médio e que ofereciam o curso de manhã. Passei a estudar na E. E. Delfim Moreira (Central), mas no terceiro ano estudei em um cursinho pré-vestibular que oferecia o “terceiro ano integrado”, ou seja, eram as matérias do

terceiro ano, mais as matérias do primeiro e do segundo ano. Nessa época trabalhava durante o dia e estudava a noite, tinha por convicção que deveria ser uma boa aluna e estudar muito para passar no vestibular. A escola pública não ia me ajudar a alcançar este objetivo.

Nenhum dos meus professores do Ensino Médio, principalmente de História e Geografia, falaram de África. Sabíamos/aprendíamos somente que era um continente de onde vieram os escravos das Américas. Nem os temas mais recorrentes – como o Imperialismo e os processos de independências – chegamos a ver. Se realmente foi passado, aconteceu de forma muito rápida só para chegar à história europeia novamente. Uma situação que me marcou bastante durante esses anos foi uma colega de turma, já no terceiro ano, que ao ouvir que queria fazer Comunicação, me respondeu perguntando se eu gostava de ler, porque para este curso teria que ler bastante. Naquele dia fiquei muito para baixo e resolvi que fazer Comunicação não era para mim. Só hoje me dei conta do que realmente aconteceu nesse dia. Essa menina sugeriu que eu não teria capacidade de fazer um curso desse e eu comprei esse discurso. Fico imaginando, o que ela achava que eu devia fazer, qual curso seria “ideal” para mim.

Levando em consideração que a Lei nº 10.639 foi assinada em 2003 e eu terminei o Ensino Médio em 2004, a ausência de uma História da África pode ser menos chocante. O problema foi durante minha graduação. Depois do racismo de minha colega, pensei em fazer Arquitetura ou História e acabei optando por História, muito por conta de um amigo que me convenceu que História seria melhor porque ele iria fazer também. De 2005 a 2009, só tive uma disciplina de História da África na graduação, que foi ministrada na forma de “Tópico Especial”, no final do curso. Em outras disciplinas, vimos um pouco da África ao tratar de escravidão, mas resumida a falar dos portos de onde vinham essas pessoas escravizadas. E, claro, vimos a situação desses escravos na Colônia e no Império. Tivemos um professor que tentou nos convencer que a escravidão no Brasil nem foi tão dura assim, os escravos tinham vários “privilégios”. Outra coisa que vale a pena ser lembrada é que tivemos três disciplinas de República e nenhuma delas se dedicou a tratar como foi a vida das negras e negros após a escravidão. Ficava uma coisa do tipo: “Vocês sabem que os negros foram marginalizados”. Mas não lemos textos que tratassem do assunto. Por falar nisso, não lemos na faculdade nenhum autor negro, nem tivemos nenhuma professora negra ou professor negro. Durante minha vida escolar, a primeira vez que tive uma professora negra e um professor negro foi nessa pós-graduação e, ao mesmo tempo, na faculdade de Pedagogia. Também foi a primeira vez que li autores negros. Vale ressaltar que isso já era 2015, doze anos depois da lei.

No mestrado, as coisas não foram muito diferentes. Como a maioria dos estudantes de História da UFJF eram induzidos a pesquisas regionais, acabei pesquisando sobre a ocupação rural da região de Juiz de Fora. Não me preocupei em nenhum momento, até então, com as questões relacionadas à raça, gênero e etc. Vim me interessar por estes assuntos depois que comecei a dar aula. E foi justamente quando comecei a dar aulas que o tema que pesquisava no mestrado começou a não fazer mais sentido para mim. Comecei a me perguntar o porquê de estudar essa gente rica, que já é tão estudada e exaltada pela historiografia e não falar de gente como eu, que tenha significado para mim e para meus alunos. A partir daí, fiquei cada vez mais desgostosa com a minha pesquisa e me interessei por outros assuntos, principalmente os assuntos ligados à educação. Por conta disso e outros fatores (como o fato de não ter bolsa e ter que trabalhar), concluí o mestrado em três anos (2010-2013). Foi nesse meio tempo que iniciei minha carreira como professora.

Em 2011, trabalhei como professora substituta no Colégio de Aplicação João XXIII, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trabalhava as disciplinas de História, Geografia e Ciências. Mas foi somente em 2012, quando peguei um contrato no Estado, que comecei a me questionar sobre a História da África e Afro-brasileira. Tentei levantar junto às minhas alunas e alunos, as discussões que são geradas em torno do ser negra ou negro na sociedade brasileira atual, recuperando o histórico de luta por reconhecimento e por direitos deixados por nossos antepassados. Pesquisava sobre o assunto na internet e me apoiava em alguns livros didáticos, mas que deixavam muito a desejar. Essa situação começou a criar em mim um incômodo muito grande e inúmeras questões a respeito, o que despertou meu interesse na pesquisa sobre o assunto, especificamente sobre o livro didático.

Terminei o mestrado e abandonei a pesquisa que realizava. Todavia, recomeçar uma pesquisa não é fácil. No princípio comecei lendo alguns artigos sobre educação e sobre a lei 10.639, entrei em contato com alguns professores, mas acabei me dedicando mais a vida profissional. Nesse meio tempo, resolvi voltar para a faculdade e iniciei o curso de Pedagogia. Na verdade foi mais um acaso, do que realmente uma vontade planejada. Hoje, já no quinto período, reconheço que foi uma ótima escolha, pois a faculdade tem contribuído muito, não só para minha vida profissional, mas também nesse longo trabalho de me assumir como mulher negra. Ainda assim, reconheço que precisava e ainda preciso de mais conhecimento em História da África. Por conta disso, me interessei por este curso de pós-graduação. Já tenho aplicado em minha prática o que eu tenho aprendido com o curso, principalmente aprimorando trabalhos que fiz anteriormente. E, não posso deixar de reconhecer que o papel

do Coletivo de mulheres em que atuo, como disse anteriormente, tem contribuído bastante para minha formação.

Enfim, apresentei aqui, de forma resumida, minha vida escolar. São vinte e seis anos de inserção na escola! Muitas marcas ficaram, mas muitas outras foram esquecidas. Espero que todas essas minhas buscas em aprender mais sejam significativas não só para mim, mas principalmente para meus alunos. Que eles possam ter uma trajetória muito diferente da minha!

REPENSANDO A APRENDIZAGEM: LEITURAS CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁXIS

Tive uma professora na faculdade de pedagogia que sugeriu a gente de fazer diários pessoais das nossas aulas, para percebermos os erros e acertos de nossa prática docente e o que poderíamos melhorar. Tentei várias vezes fazer esse diário, comprei até cadernos bonitinhos para esse fim, mas a correria do dia a dia me fez abandonar essa prática. Consegui anotar três dias de aulas. Acho que se tivesse mantido esta atividade, hoje seria mais fácil fazer esse trabalho.

O curso, de várias maneiras, tem mudado e enriquecido minha forma de pensar a História, disciplina que leciono, e até mesmo na Faculdade de Pedagogia, da qual sou aluna. Desde que comecei a dar aulas, tenho me preocupado com as questões africanas e afro-brasileiras relacionadas ao currículo de História. Minha primeira experiência foi uma substituição em 2012, numa escola no bairro São Benedito, em Juiz de Fora. Essa escola era, e ainda é, muito marcada pela violência ocorrida no bairro, por conta do tráfico de drogas. Lembro-me de na segunda semana de aula, os alunos do 6º ano chegarem contando que um homem foi esfaqueado várias vezes na praça pública do bairro. Isso me deixou muito assustada, principalmente por eles contarem com certa tranquilidade, como se fosse uma coisa normal. Não lembro exatamente o que estava lecionando em História, mas lembro da situação daquela escola me incomodar: alunos em sua maioria negros, com poucas perspectivas de vida e que, por conta disso, não achavam que estudar era importante. A escola, para piorar a situação, separava as turmas entre os “melhores” alunos e os “piores”. Na turma dos “piores”, tinha dia que não conseguia entrar na aula. Aquele não era o território em que os professores eram bem vindos. Foi aí que abandonei o programa do curso e comecei a conversar com eles sobre questões como periferia, pobreza e raça.

Contudo, meu despreparo era completo! Por ter uma carência em minha formação de disciplinas que dessem conta do vastíssimo conteúdo que abrange a História da África e afro-brasileira, esses trabalhos foram muito limitados. Lembro que procurei muito na internet sobre alguma coisa que pudesse levá-los a começar a se verem como negros (porque eles não se viam assim) e dos vários desdobramentos que isso poderia proporcionar. Juntei com professoras de português, geografia e artes para fazer algo interdisciplinar no Dia da Consciência Negra. No final, só eu fiz o trabalho. Foi proposto que eles aprendessem mais sobre o continente e, foi quando vi pela primeira vez o vídeo da Chimamanda A. Ngozie sobre “O Perigo da História Única”. Trabalhei o discurso da autora juntamente com um vídeo do Morgan Freeman, no qual ele falava que o racismo só existe porque falamos dele, se parássemos de falar em raça, não existira mais racismo. Com isso, tentei conversar com os alunos e alunas sobre as duas visões que se colocavam ali e o que eles achavam disso. Lógico que não deu muito certo. Meu despreparo era enorme e os alunos pouco participaram. Acredito, hoje, que aquele trabalho era mais pra mim do que pra eles, pois foi a partir dali que comecei a me ver não só como negra, mas como mulher negra, e que eu tinha que trazer isso para minha prática de aula. Desde então tenho procurado cada vez mais me envolver em assuntos relacionados à raça e ao feminismo.

Dali para cá, tentei focar minhas aulas principalmente na questões africanas, afro-brasileiras e indígenas. Devido à conjuntura e as oportunidades, minha primeira tentativa de melhorar nesses assuntos foi realizando um curso de aperfeiçoamento em Cultura e História dos Povos Indígenas. Apesar de o curso ter sido realizado em de seis meses, mudou muito minha visão de escola e aprimorou (ainda que pouco) meus conhecimentos sobre culturas indígenas. Nesse sentido, quando voltei para a sala de aula, em 2014 – em 2013 não dei aula, pois trabalhava no Centro de Educação à Distância da UFJF, que naquele ano passou a contratar pessoas por 8h diárias, inviabilizando a possibilidade de dar aulas – tentei colocar em prática o que aprendi no curso. Dava aulas para todos os anos do ensino fundamental em uma escola, em Matias Barbosa, uma turma para cada ano. Como era uma escola pequena, consegui realizar um trabalho em todas as turmas com a temática indígena associada ao conteúdo de História de cada ano. Então, no nono ano, por exemplo, trabalhei a questão indígena ao tratar a interiorização do Brasil durante a República, com Marechal Rondon. Meu objetivo era mostrar a eles que os índios ainda existem – muitos ainda em tribos isoladas – e sofrem com o problema de suas terras serem invadidas pelos homens brancos, apontando que isso não foi um acontecimento somente de 1500, quando os portugueses chegaram no Brasil. Mostrei também a diversidade de povos que constituem os povos indígenas e os

preconceitos que construímos em torno deles. Apesar dessa não ser a temática do curso, foi um importante momento na construção da minha identidade como professora.

Naquele ano de 2014, também procurei trabalhar a questão negra em todos os anos, de acordo com o conteúdo de história para cada ano. Meu plano anual focava mais as questões indígenas e afro-brasileiras do que os conteúdos referentes à Europa, como é de praxe na maioria das escolas. Confesso que na época fiquei até com medo de ser chamada atenção pela secretaria de educação, por conta da minha escola. Por sorte, nada aconteceu. Meu objetivo era trabalhar a questão negra, independente se fosse no Brasil ou se fosse na África. Então, no sexto ano, fiz questão de trabalhar o Egito antigo junto com o reino de Kush, mostrando que ambos estavam na África e que tiveram várias relações. Mas foi no sétimo ano que meu trabalho nessa temática mais me marcou e gerou incômodo.

O livro com o qual eu trabalhava começava com uma unidade que falava das religiões, cujo título era “Diversidade e discriminação religiosa”. Então, os primeiros capítulos tratavam das religiões cristãs, tratando o período Medieval (falava mais do período medieval em termos econômicos do que da religião em si, mas não vou entrar nessa discussão). Depois, seguia para a religião islâmica, tratando ao mesmo tempo do mundo árabe. Os hebreus eram lembrados em textos extras, pois foi assunto no livro do sexto ano. Nada, exatamente nada era tratado sobre as religiões afro-brasileiras e os conflitos gerados em torno delas. Nem um quadrinho do tipo “Fique sabendo”. Foi nesse momento que resolvi que minha pesquisa para um futuro doutorado seria entorno do livro didático e na aplicação da lei nº 10.639. Para suprir essa ausência procurei muitos materiais e fiz uma sequência de aulas que tentasse apresentar aos alunos o que eram as religiões afro-brasileiras, o que eram os orixás, e desmitificar um preconceito que há em torno delas. Infelizmente, a turma, apesar de pequena, era muito apática e, por isso, não consegui saber ao certo como eles absorveram essas informações, apesar de todos terem participado do trabalho final que era produzir um panfleto conscientizando as pessoas sobre as religiões afro-brasileiras e o problema do preconceito.

Entretanto, numa reunião de pais em que não estava presente, uma mãe veio questionar o porquê eu estava “doutrinando” os alunos para a minha religião, no caso a Umbanda (disse para eles que eu era da Umbanda, para que pudessem perceber que qualquer pessoa que convivia com eles poderia ser de religiões afro-brasileiras). Para minha surpresa, uma aluna que sempre achei que não gostava de mim, pois sempre lhe chamava a atenção na aula por conta de conversa, me defendeu. Disse que nunca tentei doutrinar ninguém, pelo contrário, dizia que devemos respeitar uns aos outros inclusive a escolha religiosa. Mais

surpresa fiquei ao saber que ela era mãe de uma aluna que sempre faltava minhas aulas e quando estava presente dormia. Enfim, só trouxe isso à tona para mostrar como trabalhar este tema é complicado.

Em 2015 tornei a trabalhar essa temática com uma turma de EJA. Nessa experiência a situação foi um pouco pior, pois várias alunas se recusaram a fazer o trabalho, que consistia na análise de algumas reportagens: uma explicando o que são as religiões de matriz africana e as outras tratando das recentes violências contra essas religiões, principalmente por parte de traficantes. Elas alegaram, entre outras coisas, que conheciam tudo dessas religiões e não queriam se envolver com essas coisas; outras disseram que religião não é matéria de História; mas, o mais engraçado foi o argumento de uma aluna que aceitava estudar o Islã, mesmo sabendo que os homens podiam ter várias esposas, mas não aceitava estudar sobre as religiões afro-brasileiras, dizendo que a religião dela não aceitava essas coisas. No fim elas acabaram fazendo, mas muito a contra gosto.

Em 2015, trabalhei novamente com os reinos de Kush e Axum, em turmas de sexto ano. Mais para o final do ano, peguei turma de terceiro ano do Ensino Médio e nono ano do Fundamental. Nelas trabalhei com a questão das independências dos continentes africanos e asiáticos e pude desenvolver um trabalho muito legal. Inclusive, utilizei o plano de aulas que dei para um trabalho aqui da pós. Nessa aula procurei abordar com os alunos, primeiramente, o que eles conheciam sobre África e como o estereótipo que eles apresentaram foi construído. Depois, analisamos o livro didático para perceber como ele reproduz determinados estereótipos e favorece uma história eurocêntrica. A partir disso, propus que eles procurassem mais informações sobre determinados países africanos, principalmente informações ligadas a sua independência. O resultado foi muito legal! Muitos alunos ficaram admirados em ver que a África não é só deserto, animais, pobreza, guerras e doenças. Alguns até colocaram em seus planos conhecer algumas praias de Moçambique.

Outro assunto que me instigou a pesquisar sobre a aplicação da lei foi ao estudar República com os alunos do nono ano. Problematizei o fato de, após a abolição, os negros praticamente desaparecerem da história pregada no livro didático, sendo exceção deste caso somente João Candido.

Apesar do meu esforço durante esses anos em que leciono a disciplina de História, procurando pelo assunto em pesquisas pela internet e me apoiando em alguns livros didáticos, sentia que faltava alguma coisa a mais para passar aos alunos, que meu conhecimento era muito raso, como realmente era. Ingressar no curso de História da África, nesse sentido, tem

me feito refletir sobre essas atividades e erros que cometi. A cada aula reflito sobre minha prática e penso em aulas e atividades que posso levar para meus alunos.

Recentemente, com turmas de sétimo ano, trabalhei o islamismo. Passei um vídeo explicativo de como surgiu, o que durou uma aula. Nas aulas seguintes, procurei sempre trazer uma discussão temática através de notícias de jornais ou de imagens: as divisões dentro do islã, a construção do terrorismo e a questão das mulheres. Sempre procurando desconstruir os estereótipos em torno do islã. Ao tratar das mulheres, utilizei de alguns conhecimentos adquiridos recentemente no curso, demonstrando para eles que o Islã não é da mesma forma em todos os lugares. Exemplifiquei isso com os povos Tuaregs – ou melhor dizendo, Tamacheque. Muitos alunos ficaram admirados com a existência de cidades no deserto do Saara e o respeito pelas mulheres desses povos, ocasionando discussões acaloradas. Era de se admirar a capacidade que eles tinham de trazer as diversas situações para a realidade brasileira.

Como o ano e o curso ainda não acabaram, planejo retomar algumas dessas aulas que já dei em outros anos, mas aprimorando com as coisas que aprendi na pós. Pretendo também utilizar o conhecimento que venho adquirindo na faculdade de Pedagogia, que tem me ajudado a fugir de modelos clássicos de aula. Exemplo disso são as práticas que tenho vivenciado da pedagogia Waldorf.

Todavia, não tem sido fácil fazer todas essas coisas: dar aulas, fazer faculdade e pós. As exigências são grandes e às vezes não dou conta de cumprir tudo. O que me motiva é, no entanto, essa vontade de querer ser uma profissional melhor e construir mudanças reais na educação.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVEÇÕES E AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS

Pensar uma proposta de trabalho que fuja dos padrões de aula em que estamos acostumados não é uma tarefa fácil e está sujeita a muitas críticas e acertos e erros. Como já havia dito, tento sempre fugir da forma padrão de aula e essa tarefa se tornava difícil, na maioria das vezes, por falta de conhecimento mais aprofundado sobre uma determinada temática. Nesse sentido, o curso tem ajudado muito na construção de alternativas pedagógicas, principalmente se levarmos em consideração o fato dos livros didáticos ainda serem muito pobres quanto às temáticas sobre África.

Este ano trabalhei a maior parte com turmas do sétimo ano do Ensino Fundamental. Um dos conteúdos indicados para ser trabalhado neste ano é o Império Mali. Graças as aulas que tivemos na pós-graduação, pude repensar minha prática com relação a este assunto. Abaixo, apresento a sequência didática que foi aplicada.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – REINOS AFRICANOS
Disciplina: História
Duração: 6 aulas de 1h e 40 min
Série/Turma: 7º ano
Eixo temático: História das Relações Sociais da Cultura e do Trabalho

MATERIAIS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Lousa; • Datashow; • Folhas com material e atividades elaboradas previamente pelo professor; • Jornal, arame, pneus, TNT marrom, papel crepom verde, papel cartão verde; • Computador e impressora; • Papel colorido.

OBJETIVOS
<p> Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar e distinguir relações sociais da cultura com a natureza em diferentes realidades históricas; [SEF] • Conhecer realidades históricas singulares, distinguindo diferentes modos de convivência nelas existentes; • Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e descontinuidades, conflitos e contradições sociais; [SEF]
<p> Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o imaginário pejorativos que temos da África; • Conhecer os limites territoriais do Continente africano e suas diferenças

linguísticas e culturais;

- Caracterizar as diferentes formas de manifestação do Islã no norte da África;
- Conhecer os povos do deserto e comparar com a realidade atual;
- Comparar fontes sobre o Império Mali;
- Reconhecer a importância da memória através dos Griots.

AULA 1 – Começando a Conversa

O professor deverá iniciar a aula mostrando um mapa mundi ao contrário para os alunos (anexo 1). Os alunos provavelmente vão falar que o professor colocou o mapa de cabeça para baixo. O professor deverá afirmar que não houve erro, pois o mapa foi feito assim, que a nossa visão de mundo é mito pautada numa visão eurocêntrica e por isso, tendemos a destacar a Europa frente a outros continentes e países.

Em seguida o professor deverá demonstra para os alunos como eles são influenciados por isso, questionando os alunos sobre o que eles conhecem/sabem sobre a África. As respostas, no geral, devem girar em torno de doenças, guerras, selva, copa, etc. Depois que os alunos exporem suas ideias o professor deve levá-los a pensar sobre a visão estereotipada que eles têm sobre o continente, que reforçam a visão de que África é um “país”. Depois indagá-los sobre como essa visão foi construída. Muitos alunos devem apontar a mídia e os veículos de comunicação como as culpadas disso. Para comprovar essa visão o professor pode apresentar trechos de filmes e como as pesquisas no Google confirmam essa visão.

O professor deverá finalizar a aula dizendo conhecer a África é a forma que temos de desconstruir este imaginário perverso e que nas próximas aulas tentaremos descobrir como podemos mudar essa visão.

AULA 2 – África - uma história de distorções e preconceitos

Nesta aula a professora levará um material impresso (anexo 2) para as alunas e alunos e irá ler o texto explicando. Depois irá propor que as alunas e os alunos tentem resolver as questões, principalmente a que se refere a nomear os países do continente. O objetivo é mostrar a eles como sabemos pouco sobre as diferenças nacionais da África, o

que fortalece o imaginário de que o continente é um país.

Durante a correção, a professora deverá levar um mapa ampliado (ou distribuir um mapa com os nomes) do continente africano e pedir às alunas e aos alunos que confirmem os países que acertaram, contabilizando-os e depois refletir numa discussão sobre essa atividade.

A professora deverá finalizar a aula pedindo para as alunas e os alunos trazerem na próxima aula uma lembrança da vida deles que eles gostam de lembrar e guardaram registros.

AULA 3 – Griots e a importância da História oral

Nesta aula a professora deverá levar os alunos para um lugar onde tenha uma árvore e ela junto com as alunas e os alunos possam sentar em roda em torno, ou próximo à árvore. A professora deverá apresentar os Griots, dizendo quem eles eram e qual sua importância nas sociedades africanas. Deverá dar especial atenção ao Baobá como árvore sagrada e mantenedora das histórias dos povos africanos. Depois narrar, de forma oral, a história de Sundjata Keita, como eles faziam:

“O mundo é velho, mas o futuro sai do passado. Escutem a palavra dos griots. Ela ensina a sabedoria e a história porque os homens têm a memória curta. Escutem a história do filho do búfalo, do filho de leão, a história de Soundjata Keita, que foi um dos maiores reis, um dos maiores homens, e que o país claro, o país da savana, ainda se lembra da sua coragem e de suas vitórias”

E com essa palavra que os griots iniciam a história do Soundjata Keita, o grande rei do Mandé, o fundador do império do Mali no século XIII, uma história extraordinária que foi preservada através da voz dos griots que se transmitiram ela de geração em geração.

Um dia, o Rei Naré Maghan Konaté recebeu a visita de um caçador feiticeiro, que lhe fez uma predição: uma mulher muito feia ia vir no seu reinado e ele teria que casar com ela. E dessa união, ia nascer um grande rei...

Algum tempo depois, no país de Do, um búfalo aterrorizava a população, fazendo reinar o medo e a fome... Ninguém conseguia matar o búfalo. Até que... dois irmãos caçadores resolveram também caçar esse búfalo e mata-lo. No caminho, eles encontraram uma mulher e dividiram sua refeição com ela. Depois de comer e beber com os caçadores, a mulher revelou a eles que ela que era o búfalo. Ela contou também como matar o búfalo, porque achava que sua hora já tinha chegado. Mas a uma condição: casar com sua filha adotiva, Sogolon. Os irmãos prometem, matam

o búfalo com as dicas mágicas que a mulher tinha falado e vão ao encontro da Sogolon. Sogolon era extremamente feia e era corcunda, levaram ela mas nenhum dos dois conseguiu deitar com ela... Resolveram então oferecer a Sogolon ao rei Naré Maghan Konaté, que estava procurando uma segunda esposa. Quando Naré Maghan Konaté viu Sogolon, ele se lembrou da profecia do caçador feiticeira e casou com ela. Ele também teve a maior dificuldade para deitar com ela, parecia que uma força mágica impedia, mas finalmente, usando astúcia, ele conseguiu. E dessa união nasceu Soundjata. Soundjata era deficiente físico e não podia andar, por isso o rei passou a ter muitas dúvidas sobre a profecia... O pequeno Soundjata sofria muito, entre as piadas das outras crianças e a maldade da primeira esposa do seu pai, Sassouma Benté, que já tinha um filho e tinha a firme vontade que ele se tornasse o rei, e não o Soundjata.

Quando Naré Maghan Konaté morreu, Sassouma Benté e seu filho Dankaran Keïta se apropriaram do trono. Eles humilham diariamente Sogolon e o pobre Soundjata.

Um dia, Sogolon vai pedir folhas de baobá a Sassouma para poder cozinhar seu almoço. Sassouma não só recusa como humilha mais uma vez Sogolon, que volta para casa chorando. Quando Soundjata sabe do acontecido, ele manda os ferreiros construir um bastão de ferro muito muito grande e diz para Sogolon que sua hora chegou. Se apoiando do bastão, fazendo um esforço extraordinário, tão extraordinário que o bastão fica todo torto, Soundjata, finalmente, se levanta. Ele vai pegar uma pequena árvore de baobá que oferece para Sogolon.

Mas o ódio de Sassouma e Dankaran fica ainda mais forte e Soundjata tem que se exilar. Cada vez mais longe, para escapar do ódio de Sassouma e das suas tentativas de assassino...

O tempo passa. O rei do Sosso, Soumaro Kanté, o rei feiticeiro, ataca o reinado do Mandinga. Dankaran Keïta, o irmão do Soundjata, foge. Os anciãos vão então até Soundjata e pedem sua intervenção. Soundjata forma um exército com combatentes de vários reinados, um exército muito heteróclito. Eles perdem as primeiras batalhas.

Soundjata entende então que para vencer Soumaro, o rei feiticeiro, o rei imortal segundo a lenda, terá que usar a astúcia. Soumaro é reputado por gostar muito de mulheres. Soundjata manda sua irmã, a linda Djegue, como sinal de submissão para Soumaro. Djegue aprende assim que só uma flecha com uma garra de galo pode atingir Soumaro. E assim que, em 1235, durante a batalha de Kirina, Soundjata Keïta venceu Soumaro e seu exército.

Soundjata é declarado o Rei dos Reis, o Mansa, e funda o grande império do Mali, aonde ele proíbe a venda de escravos. E também decretada a declaração do Mandé, que é considerada como a primeira declaração dos direitos humanos da História da Humanidade.

Dizem que Soundjata foi um grande administrador, justo e moderno, e que nos eu reino as várias etnias viviam em harmonia.

(Disponível em: < <https://conexoafrica.com/tag/soundjata-keita/> > Acesso em: ago. 2016)

Depois, o professor deverá pedir aos alunos que contêm suas memórias (deixar que alguns leiam se não quiserem falar de cabeça). Em seguida propor a construção de um baobá para guardar essas memórias que eles compartilharam, atividade final desta sequência.

AULA 4 – África Saariana segundo Ibn Battuta

Nesta aula a professora deverá exibir o vídeo “Viajando pela África com Ibn Battuta” (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LpEuYhAsp3Y>> Acesso em: ago. 2016). Depois conversar com os alunos sobre a visão de Ibn Battuta sobre os povos do deserto e o Mali, questionando sua atitude e percepção quanto as pessoas, os costumes, os animais, o islã e o Mansa.

AULA 5 – O império Mali

Esta aula terá um caráter mais expositivo, pois a professora deverá sistematizar o conhecimento adquirido pelos historiadores sobre o Império Mali. Nesta aula poderá ser usado o livro didático para acompanhamento.

Esquema História

África – Império Mali

- ❖ Principais fontes:
 - Fontes escritas em árabe, como relatos de viajantes Ibn Battuta
 - Fontes orais (griots)
- ❖ Griots – “Bibliotecas vivas”
 - Contadores de histórias, cantores, músicos e poetas
 - Conservam tradições orais
 - Guardam a história do povo
 - Função passada de geração em geração
 - Professores de reis africanos e de seus filhos
 - **Baobá: árvore sagrada, onde os griots contavam histórias e enterravam seus mortos**
- ❖ O Islã na África
 - Conquista do norte do continente
 - Propagação entre os berberes (povos do deserto), por rotas comerciais



- Ligavam o Sahel ao mar Mediterrâneo
- **Tumacheque**
- Matrilinear

❖ Formação do Império

- Através da História oral (griots) sabe-se que os malineses eram dominados pelos sossos. Mas, na batalha de Kirina, 1235, Sundjata Keita junto com o povo malinês, derrotaram os sossos e passaram a reinar sobre uma vasta terra.



- Sundjata Keita
 - Converte-se ao islã e passa a ser mansa (imperador)
 - Acredita-se que a conversão era para participar do comércio
 - Mudança da capital para evitar invasões e melhorar a administração
 - Nova capital: Niani (sul do Mali)
 - Na estrada para o nordeste formaram-se:
 - ◆ Djenne
 - ◆ Tombuctu
 - Diversidade sociocultural do Saara
 - Maior centro de estudos de religião islâmica na África
- Kanku Musa (1307-1332)
 - Apogeu do império

- O mais rico da África ocidental
 - Minas de ouro
 - Controle do comércio com a Líbia e o Egito
- Peregrinação a Meca
 - Distribuição de ouro – desvalorização da moeda
- Economia malinesa
 - Maior produtor de ouro
 - Agricultura e pastoreio
 - Artesanato bem desenvolvido
 - Comércio: ouro, sal, cobre e noz-de-cola
- Administração
 - Mansa (imperador)
 - Dugha – interprete do mansa
 - Conselho
 - Chefe das forças armadas
 - Senhor do tesouro
 - Audiências eram feitas sob o Baobá em locais públicos
- O Império Mali durou aproximadamente 250 anos, chegando a seu apogeu com 45 milhões de pessoas
- ❖ Declínio
 - Perda de território para o Songhai
 - Portugueses
 - Armas de fogo
 - D. João II tentou ganhar a confiança do imperador
 - “Missão amizade”: Portugal oferecia ajuda militar a chefes africanos, vantagens comerciais para se rebelarem contra o Imperador
 - Portugal só conseguiu penetrar no território africano no final do séc. XIX, com o imperialismo. Todo o período anterior manteve-se no litoral negociando com os chefes africanos.

AULA 6 – Montagem do Baobá

Nesta aula a professora executará a montagem do Baobá com as alunas e alunos. Boa parte já terá sido feita nas aulas de artes e as memórias já deverão estar prontas. É interessante que o Baobá seja exposto na escola para ser compartilhado com a comunidade escolar.

ATIVIDADE FINAL

A professora deverá, junto com os alunos, e de forma interdisciplinar com as professoras português e artes, construir um Baobá para guardar as memórias dos alunos. A professora de português deverá trabalhar com eles a escrita de si, através de textos autobiográficos e a professora de artes no auxílio da construção do Baobá.

O tronco do Baobá será feito de pneus e seus galhos de arames envoltos de jornal e papel crepom. As folhas serão feitas de papel cartão verde. Nos galhos serão amarradas cordinhas de lã, onde as alunas e os alunos irão pendurar suas memórias.

A árvore deverá ser exposta na escola para que mais alunas e alunos que se sentirem a vontade possam compartilhar também suas memórias.

6 – REFERÊNCIAS

Aulas do professor José Rivair Macedo.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar história: das origens do homem à era digital**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

NIANE, Djibril Tamsir. **Sunjata, ou, A epopeia mandiga: romance**. Tradução de Oswaldo Biato. São Paulo: Ática, 1982.

7 – ANEXOS

Anexo 1: Mapa Mundi

Take the quiz! Compare country size.

Which of the images on both sides of this planet are "area accurate"? How is the Mercator projection below different from the one on the reverse side? Answers and details about all the images are at www.odt.org/faq. To the right:

- (I) Van Sauer's Geosphere,
- (II) Quaker's Toronto-centered projection,
- (III) the Oxford Globe, and
- (IV) Goode's Homocline.



ISBN 1-931057-11-7
To order: ODT, Inc. 1-800-735-1295
Int'l Calls: 1-413-548-1293
www.odt.org
E-mail: odt@odt.com
Fax: 1-413-548-3503
Box 134, Amherst, MA 01004 USA



Disponível em: <<http://imgur.com/J1TL7>> Acesso em: jul. 2016

Anexo 2: Atividade

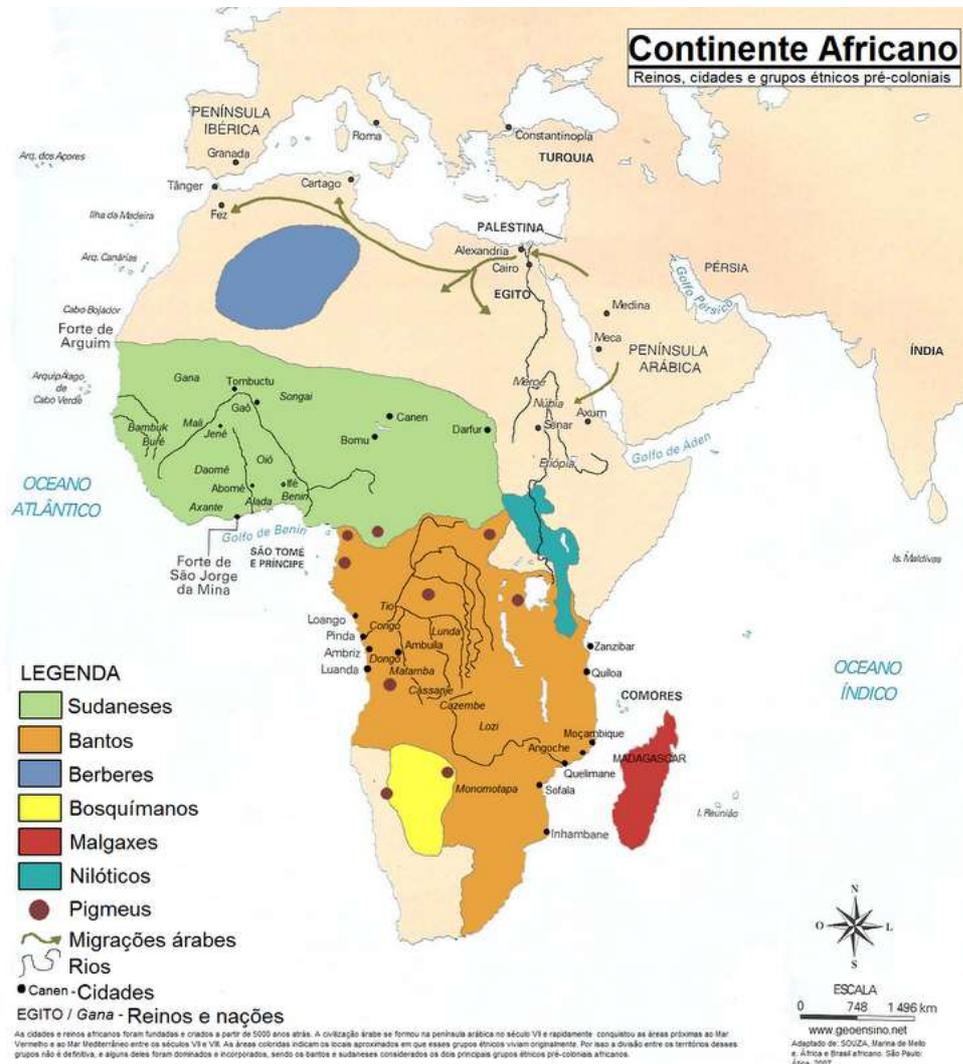
ÁFRICA - UMA HISTÓRIA DE DISTORÇÕES E PRECONCEITOS

No Brasil e em muitos países, a população africana erroneamente é assimilada apenas a etnia negra. Pior do que isso, essa etnia é considerada única, como se não existisse vários povos negros com características linguísticas e culturais distintas. Os povos africanos são muito diversificados, porém pouco conhecidos. A maioria da população conhece pouco e não tem acesso a registros históricos desses povos. O pouco que conhecemos, em parte, são relatos dos povos invasores/conquistadores da África, os europeus. É uma história contada pelo ponto de vista de quem dominou, de quem escravizou. Por isso é um passado que conhecemos apenas sobre o olhar do escravo/primitivo.

Quais argumentos os europeus utilizaram para justificar o comércio dos povos africanos para o trabalho escravo? Negando sua história. Para justificar a escravidão, os europeus afirmavam que os negros eram seres inferiores, que não podiam se igualar aos brancos. O negro não era visto como ser pertencente a uma sociedade, com história e cultura. Isso contribui ainda hoje para termos uma visão distorcida sobre a diversidade da população africana. Ainda difundimos uma ideia de que negro é apenas um descendente de escravos, e que antes da escravidão não existia nada, história, nome, sobrenome, religião, cultura e língua, tudo lhe é negado. Continuamos apagando parte significativa

da história desses povos, negando não apenas a liberdade da população africana, mas destruindo as sociedades que ali se desenvolveram por milênios.

Que tal conhecer um pouco sobre os povos africanos? Observe o mapa a seguir.



Esse mapa é apenas um esboço dos principais agrupamentos étnicos existentes na África. Ele traz também as principais cidades e reinos fundados na antiguidade, num período iniciado a aproximadamente 5000 anos atrás. Atualmente é comum encontrarmos a classificação da população africana em dois principais agrupamentos étnicos: os sudaneses e os bantos. Cabe destacar que cada um desses grupos é formado por centenas de grupos menores, ou subgrupos. Eles se diferem principalmente por suas características culturais, linguísticas e religiosas distintas. Observe no mapa acima onde vivem cada um desses grupos. Além desses dois grandes grupos, destacamos algumas etnias menores como os berberes, malgaxes, bosquímanos, pigmeus, nilóticos e árabes. Os berberes vivem na região noroeste do Deserto do Saara, possuindo grupos nômades e semi-nômades. Os nilóticos possuem estatura elevada e vivem nas regiões próximas a nascente do Rio Nilo e do Lago Vitória. Os pigmeus possuem baixa estatura e vivem em vários pontos no centro-sul do continente, desde áreas próximas ao Lago Vitória, passando pela Floresta Equatorial do Congo e chegando as áreas ao norte do Deserto do Kalahari. Os bosquímanos são exímios caçadores que vivem na região do Deserto do Kalahari. Os malgaxes vivem na Ilha de Madagascar e não são considerados povos negros, e sim de origem malaia semelhante aos povos nativos da indonésia e filipinas (sudeste

asiático). Os árabes são povos de origem muçulmana que surgiram na Península Arábica e conquistaram o norte/nordeste da África após derrotarem o Império Romano, permitindo a migração e a difusão da cultura árabe por grande parte do continente africano.

Após leitura do texto e interpretação do mapa responda no seu caderno:

- 1) Na sua avaliação existiram semelhanças na forma como os europeus trataram indígenas e africanos? Explique.
- 2) Você conhecia um pouco da história dos povos africanos? Se sim, diga o que e como. Se não, por que você avalia que não conhecia?
- 3) Quais aspectos da cultura brasileira que você conhece que foram trazidos da África pelos povos escravizados?
- 4) Você concorda com a afirmação existente no texto: Ainda difundimos uma ideia de que negro é apenas um descendente de escravos, e que antes da escravidão não existia nada, história, nome, sobrenome, religião, cultura e língua, tudo lhe é negado. Explique.
- 5) Tente marcar no mapa abaixo os países do continente Africano. Para isso, numere os países de acordo com a lista abaixo:

África Meridional

Cinco países fazem parte da África Meridional:

- | | | |
|--|---|--|
| 1) África do Sul
Capital: Pretória
(Executiva), Bloemfontein
(Judiciária), Cidade do
Cabo (Legislativa)
Idioma: Africâner e Inglês | Idioma: Inglês | Capital: Mbabane /
Lobamba |
| 2) Botswana
Capital: Gaborone | 3) Lesoto
Capital: Maseru
Idioma: Inglês e Sessoto | Extensão territorial
aproximada: 17.630 km ² |
| | 4) Namíbia
Capital: Windhoek
Idioma: Inglês | Idioma: Inglês e Sussuáti |
| | 5) Suazilândia | |

África Central

Nove países fazem parte da África Central, três dos quais pertencem aos PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Angola, Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe):

- | | | |
|--|--|---|
| 6) Angola
Capital: Luanda
Idioma: Português | Capital: Libreville
Idioma: Francês | 12) República do Congo
Capital: Brazzaville
Idioma: Francês |
| 7) Camarões
Capital: Yaoundé
Idioma: Francês e Inglês | 10) Guiné Equatorial
Capital: Malabo
Idioma: Português,
Espanhol e Francês | 13) República Democrática do Congo
Capital: Kinshasa
Idioma: Francês |
| 8) Chade
Capital: N'Djamena
Idioma: Árabe e Francês | 11) República Centro-Africana
Capital: Bangui
Idioma: Francês | 14) São Tomé e Príncipe
Capital: São Tomé
Idioma: Português |
| 9) Gabão | | |

África Setentrional

Sete países fazem parte da África Setentrional:

- | | | |
|---|---|--|
| 15) Argélia
Capital: Argel
Idioma: Árabe | Idioma: Árabe | 20) Sudão do Sul
Capital: Juba
Idioma: Inglês e Árabe |
| 16) Egito
Capital: Cairo
Idioma: Árabe | 18) Marrocos
Capital: Rabat
Idioma: Árabe
Moeda: Dirham | 21) Tunísia
Capital: Tunes
Idioma: Árabe |
| 17) Líbia
Capital: Trípoli | 19) Sudão
Capital: Cartum
Idioma: Árabe | |

África Ocidental

Dezesseis países fazem parte da África Ocidental, dois dos quais pertencem aos PALOP (Cabo Verde e Guiné-Bissau):

22) Benim

Capital: Porto Novo

Idioma: Francês

23) Burkina Faso

Capital: Ouagadougou

Idioma: Francês

24) Cabo Verde

Capital: Praia

Idioma: Português

25) Costa do Marfim

Capital: Yamoussoukro

Idioma: Francês

26) Gâmbia

Capital: Banjul

Idioma: Inglês

27) Gana

Capital: Acra

Idioma: Inglês

28) Guiné

Capital: Conacri

Idioma: Francês

29) Guiné-Bissau

Capital: Bissau

Idioma: Português

30) Libéria

Capital: Monróvia

Idioma: Inglês

31) Mali

Capital: Bamaco

Idioma: Francês

32) Mauritânia

Capital: Nouakchott

Idioma: Árabe

33) Níger

Capital: Niamei

Idioma: Francês

34) Nigéria

Capital: Abuja

Idioma: Inglês

35) Senegal

Capital: Dakar

Idioma: Francês

36) Serra Leoa

Capital: Freetown

Idioma: Inglês

37) Togo

Capital: Lomé

Idioma: Francês

África Oriental

Dezessete países fazem parte da África Meridional, um dos quais pertence aos PALOP (Moçambique).

38) Burundi

Capital: Bujumbura

Idioma: Francês e

Quirundi

39) Comores

Capital: Moroni

Idioma: Árabe, Francês

e Comorense

40) Djibuti

Capital: Djibuti

Idioma: Árabe e

Francês

41) Eritreia

Capital: Asmara

Idioma: Árabe e

Tigrina

42) Etiópia

Capital: Adis Abeba

Idioma: Amárico

43) Madagáscar

Capital: Antananarivo

Idioma: Francês e

Malgaxe

44) Malawi

Capital: Lilongue

Idioma: Inglês

45) Maurícia

Capital: Port Louis

Idioma: Inglês

46) Moçambique

Capital: Maputo

Idioma: Português

47) Quênia

Capital: Nairóbi

Idioma: Suaile

48) Ruanda

Capital: Kigali

Idioma: Francês,

Quiniaruana e Inglês

49) Seychelles

Capital: Vitória

Idioma: Crioulo

50) Somália

Capital: Mogadíscio

Idioma: Árabe e

Somali

51) Tanzânia

Capital: Dodoma

Idioma: Suáli Inglês

52) Uganda

Capital: Campala

Idioma: Inglês

53) Zâmbia

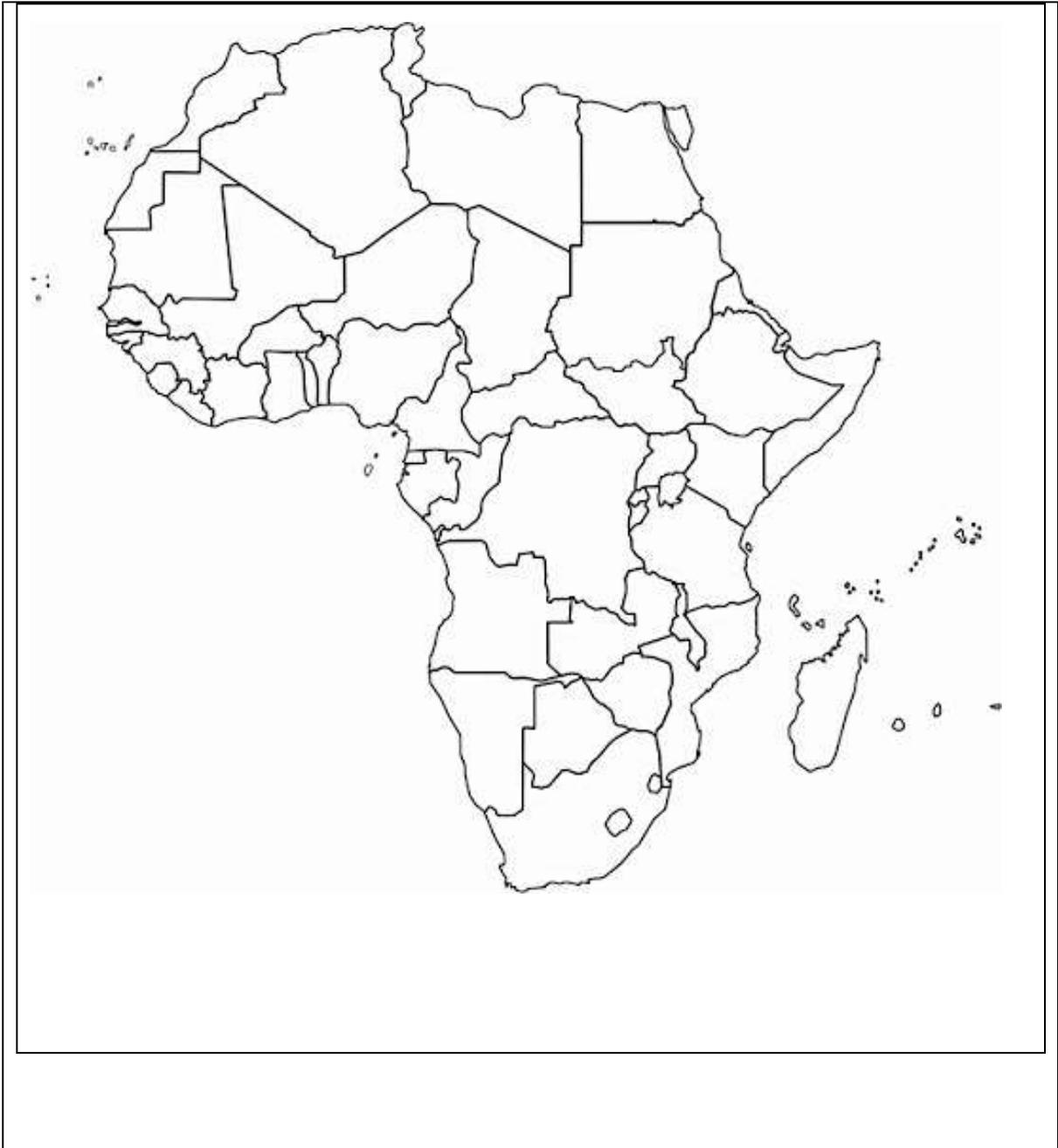
Capital: Lusaca

Idioma: Inglês

54) Zimbábue

Capital: Harare

Idioma: Inglês



Como apliquei esta sequência, é possível expor algumas impressões. A primeira é a mais óbvia, nem todas as alunas e os alunos se envolveram da mesma forma. Mas houve um envolvimento geral. Foram poucos as alunas e os alunos que participaram menos. A construção do Baobá ficou mais por conta da professora de artes. Ela solicitou às alunas e aos alunos que conseguissem os pneus, o que eu achei que não daria certo. Já tinha até pensado em outros materiais alternativos. Contudo, o envolvimento foi tão grande que na semana seguinte tínhamos todos os pneus. Por questões maiores, a professora de português não conseguiu fazer um trabalho aprofundado com eles sobre a escrita de si e os textos não

ficaram como eu idealizei. Nunca ficaria, afinal não é assim que as coisas acontecem em sala de aula. Ainda assim, tiveram histórias surpreendentes!

A professora de artes aproveitou o movimento e inscreveu as alunas e os alunos na mostra estudantil de artes de Juiz de Fora, para expor o trabalho final, o Baobá. Isso instigou ainda mais as alunas e os alunos a participarem. Segue abaixo, foto do trabalho:



Os alunos, de uma forma geral, gostaram muito dessas aulas e da atividade e pude confirmar mais uma vez o quanto as aulas diferentes da “tradicional” (cuspe e giz) são mais enriquecidas de aprendizado. Eu e as outras professoras envolvidas temos certeza que dificilmente eles irão esquecer dessa experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este curso, confirmei o que imaginava no início: não conhecemos/aprendemos quase nada sobre África. A cada aula e a cada nova temática percebi o quão rico em histórias é o continente. A questão da oralidade, talvez, foi o que mais me chamou atenção. Tendo feito faculdade na faculdade de História, onde a primeira coisa que aprendemos é que a história se inicia com a escrita, reconhecer o valor da história oral foi uma verdadeira desconstrução de paradigmas. Acho que compreendi a real importância da memória!

Ao longo do ano, muitas coisas que aprendi pude levar para sala de aula, exemplo disso é a sequência didática apresentada acima. Já nem sei se quero manter minha ideia inicial para pesquisar no doutorado, irei repensar essa questão do livro didático. O curso me abriu para um mundo de possibilidades e acredito que o fato de cursar pedagogia também contribuiu para muitas dessas mudanças.

Quanto ao portfólio, foi um exercício desafiador. Não achei que daria conta de fazer. Acredito que escrever sobre mim e a minha prática docente foi umas das coisas mais difíceis que já fiz. Por várias vezes, nesse caminho, protelei a escrita. Isso porque rever lembranças, mexer na memória, nem sempre é uma boa experiência. Lembrei de coisas que nem sabia que lembrava e coisas que não queria lembrar. Mas tudo na vida é aprendido e esse foi um dos grandes!

Tenho como projeto agora, baseada na experiência exposta acima, desenvolver um Baobá que pudesse contar as histórias de diversos povos africanos, valorizando-o enquanto símbolo de memória. Como se os alunos pudessem conhecer as Áfricas a partir dessas histórias, não a partir da leitura do livro didático ou de qualquer outro livro. Demonstrando que a oralidade é tão importante quanto a escrita. Contudo, não sei exatamente como concretizar isso. Terei muito trabalho pela frente!

Seguirei, assim, com essas incertezas e, ao mesmo tempo, todo esse aprendizado para o Trabalho de Conclusão de Curso. Espero conseguir realizar um bom trabalho e elaborar aulas cada vez mais dinâmicas e desafiadoras!